

Infância de um Chefe

Jean-Paul Sartre

“ESTOU ADORÁVEL na minha roupinha de anjo”. A Sra. Portier dissera à mamãe:

– Seu filho é um mimo. Está adorável no seu vestidinho de anjo.

O Sr. Bouffardier pôs Lucien entre os joelhos e acariciou-lhe os braços:

– É uma verdadeira mocinha, disse sorrindo. Como se chama você?

– Jacqueline, Lucienne, Margot? Lucien ficou todo vermelho e respondeu:

– Eu me chamo Lucien.

Ele não estava mais inteiramente certo de não ser uma mocinha; muitas pessoas haviam-no beijado chamando-o senhorita, todos achavam que ele estava encantador com suas asas de gaze, seu longo vestido azul, seus bracinhos nus e seus cachos louros; tinha medo de que as pessoas decidissem de repente que ele não era mais um menino; procuraria inutilmente protestar, ninguém o ouviria, não lhe permitiriam mais tirar o vestido a não ser para dormir e, pela manhã, ao acordar; encontrá-lo-ia ao pé da cama e quando quisesse fazer pipi, durante o dia, precisaria levantá-lo, ficar de cócoras, como Nenette. Todos o chamariam minha belezinha querida; talvez isso já tenha acontecido, e eu *sou* uma menina; sentia-se interiormente tão terno, era um pouquinho enjoativo, e sua voz saía aflautada dos lábios e ele oferecia flores a toda gente com gestos adamados, tinha gana de beijar o próprio braço. Pensou: “não é verdade”. Gostava quando não era de verdade, mas divertira-se muito na terça-feira de carnaval; vestiram-no de Pierrô, correram e saltaram aos gritos com Riri e tinham-se escondido debaixo das mesas. Sua mamãe bateu-lhe com o

lornhão. “Estou orgulhosa de meu filhinho”. Ela era imponente e bela. Era a mais gorda e a maior de todas as senhoras. Quando ele passou diante do grande móvel coberto com toalha branca, o pai, que bebia uma taça de champanha, levantou-o dizendo-lhe:

— Rapagão.

Lucien teve vontade de chorar e de mostrar a língua; pediu laranja porque além de ser gelada estava proibido de tomá-la. Puseram-lhe somente dois dedos em um copinho. Tinha um gosto pegajoso e não era assim tão gelada, não; Lucien pôs-se a pensar nas laranjadas com óleo de rícino que engolia quando estava doente. Explodiu em soluços e achou muito consolador estar sentado entre papai e mamãe no automóvel. Mamãe estreitava Lucien contra si, estava quente e perfumada, toda de seda. De vez em quando o interior do auto tornava-se branco como giz, Lucien piscava os olhos, as violetas que mamãe trazia ao peito saíam da sombra e ele aspirava de repente seu perfume. Soluçava ainda um pouco mas sentia a pele úmida e coceguenta, ligeiramente viscosa, como a laranja; gostaria de patinhar na pequena banheira, ser lavado por mamãe com a esponja de borracha. Permitiriam-lhe deitar-se no quarto de papai e mamãe, como quando era pequenino; riu, fazendo ranger as molas de sua caminha e papai disse:

— Esta criança está superexcitada. Ele bebeu um pouco de água de flor de laranja e viu papai em mangas de camisa.

No dia seguinte Lucien estava certo de ter esquecido alguma coisa. Lembrava-se muito bem do sonho que tivera; papai e mamãe estavam vestidos de anjo, ele sentado inteiramente nu no urinol tocava tambor, papai e mamãe adejavam em torno dele; era um pesadelo. Mas, antes do sonho acontecera alguma coisa. Lucien devia ter acordado. Quando procurava lembrar-se via um longo túnel iluminado por uma lampadazinha azul muito parecida com a que acendiam à noite no quarto de seus pais. No fundo dessa noite sombria e azul alguma coisa se passara — uma coisa branca. Sentou-se no chão, perto da mamãe, e pegou o tambor. Ela lhe perguntou:

— Por que você me olha assim, meu benzinho? Baixou os olhos e bateu o tambor, gritando:

— Bum, bum, tararabum.

Mas quando voltou a cabeça pôs-se a olhá-la minuciosamente, como se a visse pela primeira vez. Reconhecia o rosto e o vestido azul com a rosa de pano. Entretanto já não era igual. De repente acreditou que ia ser; se pensasse ainda um pouquinho, encontraria o que procurava. O túnel se

aclarava como um pálido dia cinzento e via-se mover alguma coisa. Lucien teve medo e deu um grito; o túnel desapareceu.

— Que é que você tem, benzinho? inquiriu mamãe. Ajoelhou-se perto dele com um ar inquieto.

— Estou brincando, respondeu Lucien.

Ela estava perfumada e ele teve medo de que ela não o tocasse; pareceu-lhe desprezível, papai também, de resto. Decidiu que não iria mais dormir no quarto deles.

Nos dias seguintes mamãe nada percebeu. Lucien estava sempre agarrado às suas saias, como de costume, e tagarelava com ela como um homenzinho. Pediu-lhe que contasse “O Chapeuzinho Vermelho” e mamãe pô-lo sobre os joelhos; falou-lhe do lobo e da avó do Chapeuzinho Vermelho, com um dedo levantado, sorridente e grave. Lucien olhava-a e perguntava-lhe:

— E depois? e, às vezes, tocava no cabelinho crespo que ela tinha no pescoço; mas não a ouvia, perguntava-se se era mesmo sua verdadeira mamãe.

Quando ela terminou a história, pediu:

— Mamãe, me conte quando você era menina.

E mamãe contou; mas talvez mentisse. Talvez ela tivesse sido outrora um menino e lhe tivessem posto vestidos — como a ele, naquela tarde — e ela houvesse continuado a vesti-los para parecer uma moça. Apalpou seus belos braços gordos que, sob a seda, eram macios como manteiga. Que aconteceria se tirasse o vestido de mamãe e ela pusesse as calças de papai? Talvez lhe nascesse, de repente, um bigode preto. Apertou os braços de mamãe com toda a força; tinha a impressão que ela ia transformar-se sob seus olhos em um animal horrível — ou talvez tornar-se uma mulher de barba como aquela da feira. Ela riu-se abrindo bem a boca e Lucien viu sua língua rosada e o fundo da garganta; teve nojo, sentiu vontade de cuspir dentro.

— Hahaha! dizia mamãe, como você me aperta, meu homenzinho! Aperta-me bem forte. Tão forte como você me ama.

Lucien pegou uma das belas mãos com anéis de prata e cobriu-a de beijos. Mas, no dia seguinte, estando ela sentada perto dele, pegando-lhe nas mãos, enquanto ele estava no urinol, e dizendo: “Faça força Lucien, faça força, meu bem”, ele se deteve de súbito e perguntou-lhe um pouco ofegante:

— Mas você é mesmo minha verdadeira mamãe? — Bobinho, respondeu ela e perguntou-lhe se não ia acabar logo.

A partir desse dia Lucien convenceu-se de que ela representava uma comédia, e não lhe disse mais que a desposaria quando fosse grande. Não sabia, porém, qual era a comédia; podia ser que ladrões, na noite do túnel, tivessem vindo pegar papai e mamãe no seu leito e posto esses dois no lugar deles. Ou então eram, com efeito, papai e mamãe, mas durante o dia desempenhavam um papel e, de noite eram diferentes. Lucien mal se espantou na noite de Natal, quando acordou em sobressalto e os viu colocar brinquedos na chaminé. No dia seguinte eles falaram de Papai Noel, e Lucien fingiu acreditar: pensava que era o seu papel; deviam ter roubado os brinquedos. No mês de fevereiro ele teve escarlatina e se divertiu muito.

Quando sarou, pegou o hábito de brincar de órfão. Sentava-se no meio da relva, debaixo do castanheiro, enchia as mãos de terra e pensava: “Sou um órfão, chamo-me Louis. Não como há seis meses”. A criada, Germaine, chamou-o para almoçar; à mesa continuou a fingir; papai e mamãe não perceberam nada. Ele havia sido recolhido por ladrões que queriam fazer dele um batedor de carteiras. Depois do almoço, ele se esconderia e iria denunciá-los. Correu e bebeu muito pouco; tinha lido em *L’Auberge de L’Ange Gardien* que a primeira refeição de um homem faminto devia ser leve. Era divertido, porque toda gente brincava. Papai e mamãe brincavam de papai e mamãe; mamãe fingia atormentar-se porque o filhinho comia tão pouco, papai fingia ler o jornal e agitava de vez em quando o dedo diante do rosto de Lucien, dizendo:

— Seu rapagão!

E Lucien brincava também mas acabou por não mais saber muito bem de que. De órfão? Ou de Lucien? Olhou a garrafa. Havia uma luzinha vermelha que dançava no fundo d’água e a gente teria jurado que a mão de papai estava dentro da garrafa, enorme e luminosa, com pelinhos pretos nos dedos. Lucien teve, de repente, a impressão de que a garrafa também brincava de garrafa. Finalmente, apenas tocou nos pratos e teve tal fome, à tarde, que precisou roubar uma dúzia de ameixas e esteve a ponto de ter uma indigestão. Pensou que chegava de brincar de Lucien.

Não podia, entretanto, evitá-lo e parecia-lhe que estava sempre brincando. Quisera ser como o Sr. Bouffardier que era tão feio e tão sério. O Sr. Bouffardier, quando vinha jantar, debruçava-se sobre a mão de mamãe, dizendo:

— Minhas homenagens, prezada senhora.

Lucien plantava-se no meio do salão e olhava-o admirado. Mas nada do que acontecia a Lucien era sério. Quando caía e fazia um galo, parava às vezes de chorar e perguntava-se a si mesmo: “Será que estou mesmo machucado?” Então, sentia-se ainda mais triste e o choro recomeçava cada vez mais. Quando beijou a mão de mamãe dizendo-lhe: “Minhas homenagens, prezada senhora”, mamãe desmanchou-lhe os cabelos, retrucando: “Isso não é bonito, meu ratinho, você não deve caçar dos mais velhos”; e ele sentiu-se desanimado. Só conseguia ficar importante na primeira e na terceira sextas-feiras do mês. Nesses dias muitas senhoras vinham ver mamãe e havia sempre duas ou três de luto. Lucien gostava das senhoras de luto, principalmente quando tinham pés grandes. De um modo geral divertia-se com os adultos, porque eram tão respeitáveis — e nunca a gente tem vontade de pensar que façam pipi na cama nem todas essas coisas que fazem os meninos, porque têm tantas roupas no corpo e tão sombrias, que não se pode imaginar o que há por baixo delas. Quando estão juntos comem de tudo, gesticulam e até seus risos são graves, como na missa. Tratavam Lucien como uma personagem. A Sra. Coffin punha Lucien nos joelhos e afagava-lhe a barriga das pernas, declarando:

— É o menino mais bonito que já vi. Depois interrogava-o a respeito de seus gostos, beijava-o e perguntava-lhe o que faria quando crescesse. E ele ora respondia que seria um grande general como Joana d’Arc e que retomaria a Alsácia-Lorena aos Alemães, ora que queria ser missionário. Durante todo o tempo em que falava acreditava no que dizia. A Sra. Besse era uma mulher grande, forte e tinha buço. Excitava Lucien, fazia-lhe cócegas, chamando-o de “minha bonequinha”. Lucien ficava encantado, ria-se à vontade e torcia-se de cócegas; pensava que era uma bonequinha, uma encantadora bonequinha para a gente grande e gostaria que a Sra. Besse o desvestisse, lavasse e o fizesse dormir em um bercinho como uma criancinha rechonchuda de borracha. Às vezes a Sra. Besse dizia: — Será que minha bonequinha fala? E apertava-lhe, de supetão, o estômago. Lucien então fingia-se uma boneca mecânica e fazia “Cuíque” com uma voz de falsete e ambos riam.

O senhor Vigário que aparecia todos os sábados para almoçar perguntou-lhe se gostava muito da mamãe. Lucien adorava sua linda mamãe e seu papai, tão forte e tão bom. Respondeu “sim”, olhando o padre nos olhos com um ar atrevido, que fez todos rirem. O padre tinha a cabeça como uma framboesa, vermelha e empelotada, com um pelo em cada pelota. Disse a Lucien que estava muito bem, que era preciso amar sempre sua mamãe e depois perguntou quem Lucien preferia: a mamãe ou Nosso

Senhor? Lucien não pôde adivinhar imediatamente a resposta e pôs-se a sacudir os cachos e a dar pontapés no ar, gritando: “Baum, tararabum” e os grandes retomaram a conversação como se ele não existisse. Correu para o jardim deslizando para fora pela porta de trás; tinha levado sua bengalinha de junco. Lucien não devia nunca sair do jardim, era proibido; em geral era um menino bem comportado mas nesse dia sentia desejos de desobedecer. Olhou a espessa noite de urtigas com desconfiança; via-se bem que era um lugar proibido; o muro estava enegrecido, as urtigas eram plantas más e prejudiciais, um cão fizera sua necessidade bem junto das urtigas; sentia-se o cheiro da planta e da porcaria do cachorro. Lucien chicoteou as urtigas com a bengala, gritando: “Eu gosto da mamãe, eu gosto da mamãe!” Via as urtigas quebradas, pendendo tristemente, uma seiva branca escorrendo; seus colos esbranquiçados e penugentos desfiavam-se ao quebrar-se; ouvia uma vozinha solitária gritando: “Eu gosto da mamãe, eu gosto da mamãe”; zumbia uma grande mosca azul: era uma varejeira; Lucien tinha medo dela – e um cheiro de proibido, poderoso, pútrido e tranqüilo lhe enchia as narinas. Repetiu: “Eu gosto da mamãe!” mas sua voz pareceu-lhe estranha, sentiu um medo terrível e correu sem parar até o salão. Desde esse dia compreendeu que não gostava da mamãe. Embora sem se sentir culpado, redobrou de carinhos, porque pensava que a gente devia fingir toda a vida amar os pais, senão seria um menino ruim. A Sra. Fleurier achava Lucien cada vez mais terno e justamente nesse verão deflagrou a guerra, papai partiu para combater e mamãe sentia-se feliz no seu desgosto; Lucien foi muito atencioso; à tarde, quando ela repousava no jardim na sua preguiçosa, porque se sentia muito triste, ele corria a procurar-lhe uma almofada e lha punha debaixo da cabeça ou então colocava-lhe uma manta sobre as pernas; ela se defendia rindo:

– Mas ficarei com muito calor, meu homenzinho, como você é gentil!

Ele beijava-a fogosamente, a respiração opressa, dizendo-lhe:

– Minha mamãe, só minha! e ia sentar-se junto ao castanheiro.

Disse “castanheiro” e esperou. Nada aconteceu. Mamãe estava estendida na varanda, muito pequena ao fundo de um pesado e sufocante silêncio. Cheirava a erva quente, poder-se-ia brincar de explorador na floresta virgem, mas Lucien não tinha mais vontade de fingir. O ar tremia acima da crista vermelha do muro e o sol punha manchas ardentes na terra e nas mãos de Lucien. “Castanheiro!” Era chocante: quando Lucien dizia à mamãe “Minha linda mamãe, só minha”, mamãe sorria e quando chamou Germaine de arcabuz, Germaine chorou e foi-se queixar à mamãe, mas

quando dizia castanheiro, não acontecia absolutamente nada. Resmungou entre dentes: “Árvore à-toa” e não ficou tranqüilo e como a árvore não se mexesse, repetiu mais forte: “Árvore à-toa, castanheiro sujo, espere só para ver, espere um pouco” e deu-lhe pontapés. A árvore permaneceu tranqüila, tranqüila como se fosse de pau. À noite, ao jantar, Lucien disse à mamãe:

— Você sabe, mamãe, as árvores são de pau, fazendo uma cara assustada que muito a divertia.

A Sra. Fleurier, porém, não tinha recebido carta pelo correio do meio-dia e por isso respondeu secamente:

— Não seja bobo.

Lucien tornou-se um pequeno estouvado. Quebrava todos os brinquedos para ver de que eram feitos, cortou os braços de uma poltrona com uma velha navalha de papai, fez cair a tanagra do salão, para ver se ela era oca ou se havia coisa dentro; quando passeava, decapitava as plantas e as flores com a bengalinha; cada vez mais sentia-se profundamente enganado, as coisas estúpidas, nada existia de verdadeiro. Mamãe pedia-lhe sempre, mostrando-lhe as flores ou as árvores:

— Como se chama esta?

Ele sacudia a cabeça, respondendo:

— Isso não é nada, não tem nome.

Tudo aquilo não valia a pena de uma atenção. Era muito mais divertido arrancar as patas de um gafanhoto, porque este vibrava entre os dedos como um pão e quando se lhe apertava o ventre, saía um creme amarelo. Mas, afinal, os gafanhotos não gritavam e Lucien teria desejado fazer sofrer um desses animais que gritam quando têm dor, uma galinha, por exemplo; mas não ousava aproximar-se delas. Ó Sr. Fleurier voltou em março porque era um chefe e o general lhe havia dito que ele seria mais útil à testa de sua usina do que nas trincheiras como qualquer um. Achou Lucien muito mudado e disse que não reconhecia mais o seu homenzinho. Lucien caíra numa espécie de sonolência; respondia molemente, tinha sempre um dedo no nariz, ou soprava nos “dedos, ou punha-se a cheirá-los e era preciso suplicar-lhe que fizesse suas necessidades. Agora já ia sozinho à privada; bastava que deixassem a porta entreaberta e que de vez em quando mamãe ou Germaine fossem encorajá-lo. Permanecia horas inteiras no “trono” e, uma vez enfadado-se tanto que adormeceu. O médico disse que ele crescia muito depressa e prescreveu um reconstituente. Mamãe quis ensinar-lhe novas brincadeiras, mas ele achava que já brincara demais e que, afinal,

todos os brinquedos se equivaliam, era sempre a mesma coisa. Rezingava muito; era também um brinquedo, e mais divertido até. Era coisa de dar cuidados à mamãe, depois a gente se sente triste e rancoroso, faz-se de surdo, com a boca cosida e os olhos brumosos. Por dentro é tépido e suave como quando se está debaixo das cobertas à noite e se sente o próprio cheiro; sozinho no mundo. Lucien não podia sair de seus amuos e quando papai fazia sua voz de caçoadá para dizer-lhe: “Você está emburradinho”, Lucien rolava pelo chão, soluçando. Ia ainda muitas vezes ao salão quando mamãe recebia, mas, desde que lhe haviam cortado os cachos, os adultos ocupavam-se menos com ele ou então lhe falavam de moral e contavam-lhe histórias muito instrutivas. Quando seu primo Riri veio a Férolles, por causa dos bombardeios, com a tia Berthe, sua linda mamãe, Lucien ficou muito contente e tentou ensiná-lo a brincar. Riri, porém, estava muito preocupado em detestar os boches e além disso cheirava ainda a bebê, embora fosse seis meses mais velho que Lucien. Tinha manchas no rosto e custava a compreender as coisas. Foi a ele, entretanto, que Lucien contou que era sonâmbulo. Certas pessoas levantam-se à noite, falam e andam dormindo; Lucien havia lido no *Petit Explorateur* e pensou que devia haver um verdadeiro Lucien que caminhava, falava e amava seus pais de verdade durante a noite; só que, pela manhã esquecia e recomeçava a fingir de Lucien. A princípio ele somente acreditava na metade dessa história mas, um dia, aproximou-se das urtigas e Riri mostrou o pintinho a Lucien, dizendo-lhe:

— Olho como ele é grande, eu sou um moço, quando ele for bem grande eu serei um homem e irei bater-me contra os boches nas trincheiras.

Lucien achou Riri muito engraçado e teve uma crise louca de riso.

— Mostre o seu, disse Riri.

Eles compararam e o de Lucien era menor, mas Riri trapaceava; puxava o pinto para alongá-lo:

— Eu é que tenho o maior, disse Riri.

— Sim, mas eu sou sonâmbulo, respondeu Lucien tranqüilamente.

Riri não sabia o que era um sonâmbulo e Lucien precisou explicar-lhe. Quando terminou, pensou: “É verdade então que eu sou sonâmbulo” e teve um terrível desejo de chorar. Como dormiam na mesma cama, combinaram que Riri ficaria acordado na noite seguinte e observaria bem Lucien quando este se levantasse, e reteria tudo que Lucien dissesse.

– Você me acordará depois, disse Lucien, para ver se me recordarei de tudo o que fiz.

À noite, Lucien, que não podia dormir, ouviu roncos agudos e precisou acordar Riri.

– Zanzibar! disse o dorminhoco.

– Acorde, Riri, você deve olhar-me quando me levantar .

– Deixe eu dormir, disse o outro com uma voz pastosa.

Lucien sacudiu-o e beliscou-o sob a camisa, e Riri se pôs a espernear e ficou acordado, olhos abertos, com um sorriso engraçado. Lucien pensou na bicicleta que papai lhe devia comprar, ouviu o apito de uma locomotiva e depois, de súbito, a criada entrou e puxou as cortinas, eram oito horas da manhã. Não soube nunca o que havia feito durante a noite. Nosso Senhor sabia, porque Nosso Senhor via tudo. Ajoelhou-se no genuflexório por ser bem comportado para que mamãe o felicitasse à saída da missa, mas ele detestava Nosso Senhor: era mais informado sobre Lucien do que ele próprio. Sabia que Lucien não gostava da mamãe nem do pai e que fingia ser comportado, que pegava no pintinho à noite na cama. Felizmente, Nosso Senhor não podia lembrar-se de tudo, porque havia muitos meninos no mundo. Quando Lucien batia na testa dizendo: *Picotim*, Nosso Senhor esquecia imediatamente o que havia visto. Lucien experimentou também persuadir Nosso Senhor de que gostava muito da mamãe. De vez em quando dizia mentalmente: “Como eu gosto da minha mamãezinha!” Havia sempre um cantinho nele que não estava persuadido disso e Nosso Senhor naturalmente via esse cantinho. Nesse caso era Ele quem ganhava. Mas às vezes podia-se absorver completamente no que dizia. Pronunciava bem depressa “oh como eu gosto de minha mãezinha!” articulando bem, revia o rosto da mãe, sentia-se enternecido, pensava vagamente que Nosso Senhor o olhava e depois não pensava mesmo mais nisso, ficava mole de ternura e as palavras dançavam nos ouvidos: *mamãe, mamãe, mamãe*. Isso não durava senão um instante naturalmente, era como quando Lucien experimentava fazer ficar uma cadeira em equilíbrio sobre dois pés. Mas se, justamente nessa hora, pronunciasse *Pacota*, Nosso Senhor era enganado: não tinha visto senão o Bem e o que havia visto ficava gravado para sempre na Sua memória. Lucien porém abandonou esse brinquedo porque era preciso fazer grandes esforços e depois, afinal, não se sabia nunca se Nosso Senhor ganhara ou perdera. Lucien não se ocupou com Deus. Quando fez a primeira comunhão, o padre disse que ele era o menino mais comportado e

mais piedoso de todo o catecismo. Lucien compreendia depressa e tinha uma boa memória, mas sua cabeça andava cheia de confusão, de cerração.

O domingo era uma estiagem. A cerração se desfazia quando Lucien passeava com papai na estrada de Paris. Vestia seu belo terninho de marinheiro e encontravam operários de papai que os saudavam. Papai aproximava-se e eles diziam:

– Bom dia, Sr. Fleurier – e também – bom dia, mocinho.

Lucien gostava muito dos operários, porque eram pessoas grandes mas não como as outras. Além disso eles o chamavam: senhor. Usavam bonés e tinham mãos grossas de unhas rentes que pareciam doentes e feridas. Eram respeitosos. Esteve a ponto de puxar o bigode de Bouligaud; papai teria ralhado. Bouligaud, para falar a papai, tirava seu boné e papai e Lucien conservavam seus chapéus na cabeça e papai falava com uma voz grossa, sorridente e teimosa:

– Então, Bouligaud, estamos esperando o seu filhão, quando é que ele terá licença?

– No fim do mês, Sr. Fleurier, obrigado, Sr. Fleurier.

Bouligaud tinha ar feliz e jamais teria ousado dar um tapa no traseiro de Lucien chamando-o de sapo, como o Sr. Bouffardier. Lucien detestava o Sr. Bouffardier porque era muito feio. Mas quando via Bouligaud, sentia-se terno e tinha vontade de ser bom. Uma vez, de volta do passeio, papai pôs Lucien nos joelhos e explicou-lhe o que era um chefe. Quis saber como papai falava aos operários quando estava na usina e papai mostrou-lhe como precisava fazer e sua voz mudava inteiramente.

– Será que me tornarei também um chefe? perguntou Lucien.

– Mas certamente, meu rapagão, foi para isso que você nasceu.

– E em quem eu mandarei?

– Bem, quando eu tiver morrido, você será o dono da usina e mandará nos operários.

– Mas eles estarão mortos também.

– Então, você mandará nos filhos deles e será preciso que você saiba fazer-se obedecer e amar.

– E como me farei amar, papai? Papai refletiu um pouco e disse:

– Em primeiro lugar, será necessário que você conheça a todos pêlos, seus nomes.

Lucien ficou profundamente excitado e quando o filho do contramestre Morei veio anunciar que o pai tinha cortado dois dedos, Lucien falou-lhe séria e suavemente, olhando-o bem nos olhos e chamando-o Morei. Mamãe disse que estava orgulhosa de ter um menino tão bom e tão sensível. Depois veio o armistício. Papai lia o jornal em voz alta todas as noites, todos falavam dos russos, do governo alemão e das reparações e papai mostrou a Lucien alguns países num mapa; Lucien passou o ano mais aborrecido de sua vida, gostava mais quando havia guerra; agora todos tinham um ar desarvorado e as luzes que se viam nos olhos da Sra. Coffin estavam extintas. Em outubro de 1919 a Sra. Fleurier fê-lo seguir os cursos da Escola São José como externo.

Fazia calor no gabinete do abade Geromet. Lucien estava de pé, junto da poltrona do abade; cruzara as mãos nas costas e se aborrecia muito. “Mamãe, não se vai embora logo?” Mas a Sra. Fleurier não pensava ainda em partir. Estava sentada na ponta de uma poltrona verde e estendia seu amplo busto para o abade; falava muito depressa e tinha a voz musical, como quando estava com raiva e não queria que os outros percebessem. O abade falava lentamente e as palavras pareciam mais longas na sua boca que na das outras pessoas; dir-se-ia que ele as chupava um pouco, como pirulitos, antes de deixá-las passar. Ele explicava à mamãe que Lucien era um bom menino, polido e trabalhador, mas terrivelmente indiferente a tudo, e a Sra. Fleurier disse que estava muito desapontada, porque pensara que a mudança de ambiente lhe faria bem. Perguntou se ele brincava, ao menos, durante os recreios.

— Ai, senhora, respondeu o bom padre, mesmo os brinquedos não parecem interessá-lo muito. Ele é às vezes turbulento e mesmo violento, mas cansa-se depressa; e creio que lhe falta perseverança.

Lucien pensou: “É de mim que eles falam”.

Eram duas pessoas grandes e ele era o objeto de sua conversação, como a guerra, o governo alemão e o Sr. Poincaré; tinham o ar grave e discorriam sobre seu caso. Esse pensamento não lhe deu prazer. Seus ouvidos estavam cheios das pequenas palavras cantantes de sua mãe, das palavras chupadas e colantes do abade, sentia vontade de chorar. Felizmente o sino tocou e deram-lhe liberdade. Mas durante a aula de geografia permaneceu muito enervado e pediu ao abade Jacquin permissão de ir lá fora, porque tinha necessidade de mudar de lugar. Imediatamente a frescura, a solidão e o bom odor da privada acalmaram-no. Acocorou-se por descargo de consciência mas não tinha vontade; levantou a cabeça e pôs-se a ler as

inscrições que cobriam a porta. Haviam escrito com lápis azul: “Barataud é um percevejo”. Lucien sorriu — era verdade. Barataud era um percevejo, era minúsculo e dizia-se que muito pequeno, quase um anão. Lucien perguntou-se a si mesmo se Barataud havia lido aquela inscrição e pensou que não; de outro modo ela seria apagada. Barataud teria molhado o dedo e teria esfregado as letras até que desaparecessem. Lucien regozijou-se um pouco, imaginando que Barataud iria à privada às 4 horas, baixaria a calça de veludo e leria “Barataud é um percevejo”. Talvez ele nunca tivesse pensado que era tão pequeno. Prometeu a si mesmo chamá-lo de percevejo da manhã seguinte em diante no recreio. Levantou-se e leu na parede da direita outra inscrição traçada com o mesmo lápis azul: “Lucien Fleurier é um grande aspargo”. Apagou cuidadosamente o escrito e voltou para a classe. “É verdade, pensou, olhando seus colegas, eles são menores do que eu”. E sentia-se incomodado. “Grande aspargo”.

Estava sentado na pequena escrivaninha feita de madeira das Ilhas. Germaine estava na cozinha, mamãe não tinha ainda voltado. Escreveu “grande aspargo” numa folha branca de papel para restabelecer a ortografia. Mas as palavras lhe pareceram muito conhecidas, não lhe causaram nenhum efeito. Chamou:

- Germaine, minha boa Germaine!
- Que é que o senhor quer agora? perguntou a criada.
- Germaine, eu queria que você escrevesse neste papel: “Lucien Fleurier é um grande aspargo”.
- O senhor está maluco, Sr. Lucien? Ele envolveu-lhe o pescoço com os braços.
- Germaine, minha pequena Germaine, seja boazinha.

Germaine pôs-se a rir e limpou os dedos gordos no avental. Enquanto ela escrevia, ele não a olhava, mas, em seguida, levou a folha ao seu quarto e a contemplou longamente. A letra de Germaine era pontuda e Lucien cria ouvir uma voz seca que lhe dizia ao ouvido: “grande aspargo”. Pensou: “Sou grande”. Ele estava aniquilado de vergonha. Grande como Barataud era pequeno — e os outros caçoavam por detrás. Era como se lhe houvessem deitado um sortilégio; até então, parecia-lhe natural ver seus camaradas do alto. Mas agora, era como se o houvessem condenado, de repente, a ser grande pelo resto da vida. À noite ele perguntou ao pai se a gente podia diminuir quando o desejasse com todas as forças. O Sr. Fleurier disse que não. Todos os Fleurier haviam sido grandes e fortes e Lucien

crescia ainda. Lucien ficou desesperado. Quando sua mãe o pôs na cama, levantou-se e foi olhar-se ao espelho. “Eu sou grande”. Mas era inútil, não se via, não parecia nem grande nem pequeno. Levantou um pouco a camisa e viu as próprias pernas; então imaginou que Costil dizia a Hébrard: “Olhe as longas pernas do aspargo” o que o tornaria ridículo. Fazia frio, Lucien estremeceu e alguém disse: “O aspargo está arrepiado”. Levantou muito alto a ponta da camisa e todos eles viram seu umbigo e todas as suas “coisas” e depois correu para a cama e nela se introduziu. Quando pôs a mão debaixo da camisa pensou que Costil o via e dizia: “Olhem só um pouco o que faz o grande aspargo!” Agitou-se e virou-se no leito, ofegante: “Grande aspargo! Grande aspargo!” até que fez nascer sob os dedos uma comichão acidulada.

Nos dias seguintes pensou em pedir ao abade permissão para se sentar no fundo da classe. Era por causa de Boisset, de Winckelmann e de Costil, que ficavam atrás e podiam olhar sua nuca. Lucien sentia sua nuca, mas não a via e a esquecia mesmo freqüentemente. Mas enquanto respondia como melhor podia ao abade e recitava a tirada de Dom Diègue, os outros estavam atrás dele e olhavam sua nuca e podiam caçoar pensando: “Como ele é magro, tem duas cordas no pescoço”. Lucien esforçava-se por aumentar o volume de sua voz e exprimir a humilhação de Dom Diègue.¹ Com a voz ele fazia o que queria; mas a nuca estava sempre ali, plácida e inexpressiva, como alguém que repousa, e Boisset via-a. Não ousava mudar de lugar, porque o último banco era reservado aos desprezíveis, mas a nuca e as omoplatas coçavam sempre e ele era obrigado a coçar-se sem parar. Lucien inventou um novo brinquedo: quando tomava seu chuveiro sozinho, como uma pessoa grande, imaginava que alguém o olhava pelo buraco da fechadura, ora Costil, ora Bouligaud, ora Germaine. Virava-se então de todos os lados para que o vissem sob todos os ângulos e às vezes virava o traseiro para a porta e punha-se de quatro para que ficasse bem curvo e bem ridículo; o Sr. Bouffardier aproximava-se cautelosamente para dar-lhe um clister. Um dia em que ele estava na privada, ouviu ruídos: era Germaine que envernizava o armário do corredor. Seu coração parou, abriu suavemente a porta e saiu, com a calça nos calcanhares e a camisa enrolada em torno dos rins. Era obrigado a dar pequenos saltos, para avançar sem perder o equilíbrio. Germaine olhou-o tranqüilamente:

— Será que o senhor está fazendo corrida de saco? perguntou:

Ele levantou raivosamente a calça e correu a atirar-se à cama. A Sra. Fleurier estava desolada, dizia sempre ao marido:

¹ Personagem da tragédia de CORNEILLE: *Le Cid* (N. do T.)

— Ele que era tão gracioso quando pequeno, olhe como tem um ar desastrado; é uma pena!

O Sr. Fleurier lançou um olhar distraído sobre Lucien e respondeu:

— É a idade!

Lucien não sabia que fazer de seu corpo; tinha sempre a impressão de que esse corpo estava prestes a crescer de todos os lados ao mesmo tempo, sem lhe pedir opinião. Deleitou-se a imaginar que era invisível, depois tomou o hábito de olhar pelas fechaduras para vingar-se e para ver como os outros eram feitos sem o saber. Viu sua mãe enquanto ela se lavava. Estava sentada no bidê, tinha o ar adormecido e seguramente havia esquecido seu corpo e mesmo seu rosto, porque pensava que ninguém a via. A esponja ia e vinha absolutamente só sobre a carne abandonada; tinha uns movimentos preguiçosos dando a impressão de que ia parar no meio do caminho. Mamãe esfregava um pano com um pedaço de sabonete e sua mão desaparecia entre as pernas. Seu rosto estava repousado, quase triste, seguramente ela pensava em outra coisa, na educação de Lucien ou no Sr. Poincaré. Durante aquele momento ela *era* essa gorda massa rósea, esse corpo volumoso que se comprimia sobre a louça do bidê. Lucien, outra vez, tirou os sapatos e subiu até a mansarda e viu Germaine. Vestia uma longa camisa verde que lhe caía até os pés, penteava-se diante de um pequeno espelho redondo e sorria molemente à própria imagem. Lucien foi presa de um riso louco e precisou descer precipitadamente. Depois disso, sorria e fazia caretas diante do espelho do salão e ao fim de algum tempo sentia-se tomado por um medo espantoso.

Lucien acabou por adormecer logo, mas ninguém o percebeu, salvo a Sra. Coffin que o chamava seu belo adormecido no bosque; uma grande bola de ar que ele não podia engolir nem cuspir fazia-o ficar sempre com a boca entreaberta: era *seu bocejo*; quando ele estava só, a bola engrossava acariciando-lhe docemente o céu da boca e a língua; a boca se abria muito grande e lágrimas rolavam sobre as faces — eram momentos muito agradáveis. Já não se divertia tanto quando estava na privada mas, em compensação, gostava muito de espirrar, isto o despertava e durante algum tempo ele ficava olhando em volta com um ar vivo e depois adormecia de novo. Aprendeu a discernir as diversas espécies de sono; no inverno, sentava-se diante da chaminé e estendia a cabeça para o fogo; quando ela estava vermelha e bem quente esvaziava-se de súbito; a isso chamava “adormecer pela cabeça”. Domingo de manhã, ao contrário, ele adormecia pelos pés: mergulhava no banho, baixava-se lentamente e o sono subia pelas

pernas e flancos, marulhando. Acima do corpo adormecido, todo branco e cheio de ar no fundo da água, uma cabecinha loira dominava, cheia de palavras sábias: *templum*, *templi*, *templo*, seísmo, iconoclastas. Na classe, o sono era branco, furado de clarões: — Que querieis que ele fizesse contra três?² Primeiro: Lucien Fleurier. Que é o Terceiro Estado: nada. Primeiro Lucien Fleurier, segundo Winckelmann. Pellereau foi o primeiro em álgebra; ele só tinha um testículo, o outro não descera ainda; cobrava dois “sous” para mostrar e dez para deixar tocá-lo. Lucien deu os dez “sous”, hesitou, estendeu a mão e foi-se embora sem pegar, mas seu arrependimento foi tão vivo que o manteve, por vezes, acordado mais de uma hora. Ele era pior em geologia do que em história; primeiro, Winckelmann, segundo Fleurier. No domingo ia passear de bicicleta, com Costil e Winckelmann. Através de campinas que o calor crestava, as bicicletas deslizavam sobre o pó macio; as pernas de Lucien eram vivas e musculosas mas o cheiro adorme-cedor da estrada lhe subia à cabeça, ele curvava-se sobre o guidão, seus olhos tornavam-se rosados e meio fechados. Recebeu três vezes seguidas o primeiro prémio. Deram-lhe *Fabiola* ou *l’Église des Catacombes*, *Le Génie du Christianisme* e *La Vie du Cardinal Lavignerie*. Costil, de volta das férias, fez conhecer a todos o *De Profundis Morpionibus* e *L’Artilleur de Metz*. Lucien decidiu fazer melhor e consultou o Larousse Médico de seu pai no artigo “útero”; em seguida explicou-lhes como as mulheres eram feitas, fez-lhes, mesmo, um desenho no quadro e Costil declarou que aquilo era repugnante; e não podiam mais ouvir falar de trompas sem rebentar de rir, e Lucien pensava com satisfação que não se encontraria mais em toda a França um aluno de segundo ano e talvez mesmo de retórica que conhecesse tão bem como ele os órgãos femininos.

Quando os Fleuriers se instalaram em Paris, foi um clarão de magnésio. Lucien não podia mais dormir por causa dos cinemas, dos autos e das ruas. Aprendeu a distinguir um “Voisin” de um “Packard”, um “Hispano-Suíça” de um “Rolls” e discursava como um conhecedor de carros; após um ano vestiu calças compridas. Para recompensá-lo do êxito da primeira parte do bacharelado, seu pai enviou-o à Inglaterra; Lucien viu prados cheios de água e rochedos brancos, jogou boxe com John Latimer e aprendeu o *overarm-stroke*, mas uma bela manhã, levantou-se estonteado, a coisa tomou-o de novo; voltou sonolento a Paris. Na aula de matemática elementar do liceu Condorcet contou trinta e sete alunos. Oito desses alunos diziam-se sabidos e aos outros chamavam virgens. Os sabidos desprezaram Lucien até 19 de novembro, mas no dia da festa de Todos os Santos, Lucien

² Alusão ao verso do Cid, de CORNEILLE: *Que voulez-vous qu’il fit contre trois?* (N. do T.)

foi passear com Garry, o mais sabido de todos, e provou, displicentemente, conhecimentos anatômicos tão preciosos que Garry ficou encantado. Lucien só não entrou para o grupo dos sabidos, porque seus pais não o deixavam sair à noite, mas teve com eles relações amistosas.

Na quinta-feira, Berthe veio com Riri almoçar na rua Raynouard. Tornara-se enorme e triste e passava o tempo a suspirar; como porém sua pele continuava muito fina e muito branca, Lucien gostaria de vê-la toda nua. Pensava nisso, à noite, no seu leito; seria num dia de inverno, no bosque de Bolonha; alguém a descobria nua num lugar qualquer, os braços cruzados sobre o peito, tremendo com arrepios de frio. Imaginava que um transeunte míope a tocava com a ponta da bengala dizendo: “Mas que é isto aqui?” Lucien não se entendia bem com seu primo: “Riri tinha-se tornado um belo moço, um pouco elegante demais, cursava sua filosofia em Lakanal e não compreendia nada de matemática. Lucien não podia deixar de pensar que Riri, sete anos passados, ainda sujava nas calças e depois caminhava com as pernas apartadas como um pato e olhava sua mamãe com uns olhos cândidos, dizendo: “Não, mamãe, não farei mais, eu prometo”. Sentia certa repugnância em tocar a mão de Riri. Entretanto, era muito amável com ele e explicava-lhe seus cursos de matemática; era preciso fazer sempre um grande esforço sobre si mesmo para não se impacientar, porque Riri não era muito inteligente. Mas conseguia dominar-se, e conservava a voz grave e muito calma. A Sra. Fleurier achava que Lucien tinha muito tato mas a tia Berthe não gostava muito dele. Quando Lucien propôs a Riri dar-lhe uma aula ela corou um pouco agitando-se na cadeira e disse:

— Não, você é muito amável, Lucien, mas Riri já é grande, ele aprenderá por si, não deve habituar-se a contar com os outros.

Uma tarde, a Sra. Fleurier disse bruscamente a Lucien:

— Você crê, talvez, que Riri lhe é reconhecido pelo que você faz por ele? Bem, desiluda-se, meu rapazinho; diz que você gosta é de cartaz, foi sua tia Berthe quem contou.

Ela tinha a voz musical e um ar descuidado. Lucien compreendeu que ela estava louca de raiva. Sentiu-se vagamente intrigado, não sabendo o que responder. No dia seguinte e no outro ele teve muito trabalho e toda esta história foi esquecida.

Domingo de manhã, Lucien largou bruscamente a pena e pensou: “Será mesmo cartaz?” Eram 11 horas; Lucien sentado à sua escrivaninha, olhava as figuras róseas do cretone que atapetava as paredes; sentia na face esquerda o calor seco e poeirento do primeiro sol de abril, na face direita o

pesado calor espesso do radiador. “Será mesmo cartaz?” Era difícil responder. Lucien tentou primeiro lembrar-se da sua última conversa com Riri e julgar imparcialmente sua própria atitude. Estava inclinado sobre Riri e havia-lhe sorrido dizendo: “Compreendeu? Se não compreendeu, meu velho Riri, não tenha medo de dizer: fica para outra vez.” Um pouco mais tarde, ele cometera um erro num raciocínio delicado e dissera alegremente: “Em tempo, em tempo”. Era uma expressão que ouvira do Sr. Fleurier e que o divertia. Não era lá tão importante assim, uma bobagem. Mas será que eu me exibia, ao dizer isso? À força de procurar, fez, de repente, reaparecer algo branco, redondo, delicado como um pedaço de nuvem — era seu pensamento do outro dia; ele pergantara: “Compreende?” e tinha havido “isso” na sua cabeça, isso que não se podia descrever. Lucien fazia esforços desesperados para olhar esse pedaço de nuvem e sentiu, de repente, que caía dentro da coisa, mergulhava nela de cabeça, encontrou-se em pleno vapor e tornou-se ele próprio o vapor, já não passava de um calor branco e úmido que cheirava a roupa branca. Quis arrancar-se a esse vapor e recuar, mas ele vinha junto. Pensou: “Sou eu, Lucien Fleurier, estou no meu quarto, resolvo um problema de física, é domingo”. Mas seus pensamentos fundiam-se em nevoeiro, branco sobre branco. Ele sacudiu-se e pôs-se a distinguir as figuras do cretone, duas pastoras, dois pastores e o Amor. Depois, de súbito, disse com seus botões: “Eu sou...”, ouviu um barulho e despertou de sua longa sonolência.

Isso não era agradável — os pastores tinham saltado para trás, parecia a Lucien que ele os olhava pela extremidade de um binóculo. Em lugar desse estupor que lhe era tão doce e que se perdia voluptuosamente em seu próprio íntimo, havia agora uma pequena perplexidade muito viva que se interrogava: — Quem sou eu?

“Quem sou eu? Eu olho a escrivainha, olho o caderno. Chamo-me Lucien Fleurier mas isso não é senão um nome. Eu me exibio. Eu não me exibio. Não sei, isso não tem sentido.”

— Sou um bom aluno. Não. É aparência — um bom aluno gosta de trabalhar — eu não. Tenho boas notas, mas não gosto de trabalhar. Não detesto o trabalho tampouco, não lhe dou importância. Não dou importância a nada. Não serei nunca um chefe. Pensou com angústia: “Mas que vou ser?” Passou um momento; coçou a cara e piscou o olho esquerdo porque o sol o ofuscava. “Que sou eu, *eu*?” Havia a bruma, enrolada sobre si mesma, indefinida. “Eu!” Olhou ao longe; a palavra soava na sua cabeça, talvez se pudesse adivinhar alguma coisa como a ponta sombria de uma pirâmide

cujos lados fugiam, longe, na bruma. Lucien estremeceu e suas mãos tremeram: “É isso”, pensou, “é isso. Tenho certeza: *eu não existo*”.

Durante os meses que se seguiram, Lucien procurou, muitas vezes, o entorpecimento de novo, mas não o conseguiu — dormia regularmente nove horas por noite e o resto do tempo estava bem vivo e cada vez mais perplexo; seus pais diziam que ele nunca passara tão bem. Quando começava a pensar que não tinha o estofo de um chefe, sentia-se romântico e tinha vontade de andar durante horas ao luar; mas seus pais não o deixavam sair à noite. Então, freqüentemente, alongava-se no leito e tomava a própria temperatura; o termômetro marcava 37,5 ou 37,6 e Lucien pensava com um prazer amargo que seus pais o achavam com bom aspecto. “Eu não existo”. Fechava os olhos e se abandonava. “A existência é uma ilusão; pois que eu sei que não existo, não tenho outra coisa a fazer senão tapar os ouvidos, não pensar em nada para anular-me”. Mas a ilusão era tenaz. Ao menos ele tinha sobre os outros, a superioridade muito maliciosa de possuir um segredo: Garry, por exemplo, não existia mais do que ele próprio. Mas era suficiente vê-lo arrufar-se tumultuosamente no meio dos seus admiradores para compreender logo que ele acreditava ferreamente na própria existência. O Sr. Fleurier também não existia — nem Riri nem ninguém — o mundo era uma comédia sem atores. Lucien, que havia obtido a nota 15 pela sua dissertação sobre “A Moral e a Ciência”, pensou em escrever um “Tratado do Nada” e imaginou que as pessoas, lendo-o, se reabsorvessem umas após as outras, como as bruxas ao canto do galo. Antes de começar a redação de seu tratado, quis saber a opinião de Badouin, seu professor de filosofia.

— Perdão, senhor, disse-lhe no fim de uma aula, pode-se sustentar que não existimos?

— Cogito, disse ele, *ergo sum*³. O senhor existe, pois duvida da sua existência.

Lucien não estava convencido mas renunciou a escrever a obra. Em julho recebeu sem emoção o seu diploma de bacharel em Matemáticas e partiu para Férolles com os pais. A perplexidade não passava — era como um desejo de espirrar.

Bouligaud morrera e a mentalidade dos operários do Sr. Fleurier havia mudado muito. Ganhavam presentemente grandes salários e suas mulheres compravam meias de seda. A Sra. Bouffardier citava pormenores assustadores à Sra. Fleurier: “Minha empregada contou-me que viu ontem

³ “Penso, logo existo”. (N. do T.)

no açougue a pequena Ansianne, que é a filha de um operário de seu marido e de quem estamos cuidando desde que perdeu a mãe — casou-se com um ajustador de Beaupertuis. Bem, ela encomendou um frango de 20 francos! E com arrogância! Não se contentam com pouco; querem ter tudo o que nós temos”. Agora, quando Lucien dava, no domingo, um pequeno giro com o pai, os operários apenas tocavam nos bonés, quando os viam, e havia mesmo os que atravessavam a rua para não ter que saudar. Um dia Lucien encontrou-se com o Bouligaud filho, que não pareceu sequer reconhecê-lo. Lucien ficou um pouco excitado com isso — era a oportunidade de provar que era um chefe. Fez pesar sobre Jules Bouligaud um olhar de águia e avançou para ele, com as mãos nas costas. Mas Bouligaud não pareceu intimidado. “Não me reconheceu”, disse Lucien com seus botões. Mas estava profundamente aborrecido e, nos dias que se seguiram, pensou, mais do que nunca, que o mundo não existia.

O pequeno revólver da Sra. Fleurier estava guardado na gaveta esquerda da cômoda. Seu marido lho presenteara em setembro de 1914, antes de partir para a frente. Lucien pegou-o e virou-o muito tempo entre os dedos; era uma pequena jóia com um cano dourado e uma coronha de madrepérola. Não era possível valer-se de um tratado de filosofia para persuadir as pessoas de que elas não existiam. O que era preciso era um ato, um ato verdadeiramente desesperado que dissipasse as aparências e mostrasse em plena luz o nada do mundo. Uma detonação, um corpo jovem sangrando sobre um tapete, algumas palavras rabiscadas num papel: “Eu me mato porque não existo. E vocês também, meus irmãos, vocês não são nada!” As pessoas leriam o jornal, pela manhã; veriam: “Um adolescente ousou!” E cada um sentir-se-ia terrivelmente perturbado e se perguntaria: “Eu? Será que existo?” Conheciam-se na história, por ocasião da publicação de *Werther* por exemplo, semelhantes epidemias de suicídios; Lucien lembrou-se de que “mártir” em grego quer dizer “testemunha”. Ele era muito sensível para desempenhar o papel de chefe mas, não de mártir. Em seguida, entrou no quarto de vestir da mãe, olhou o revólver e ficou agoniado. Aconteceu-lhe mesmo morder o cano dourado, apertando fortemente os dedos na coronha. Em geral porém mostrava-se mais alegre do que triste, porque pensava que todos os verdadeiros chefes tinham conhecido a tentação do suicídio. Napoleão por exemplo. Lucien não dissimulava ter tocado o fundo do desespero, mas esperava sair dessa crise com uma alma temperada e leu com interesse o Memorial de Sainte Hélène. Era preciso, entretanto, tomar uma decisão. Marcou o dia 3 de setembro como termo de suas hesitações. Os últimos dias foram extremamente

penosos; certamente a crise era salutar, mas exigia de Lucien uma tensão tão forte que ele temia quebrar-se, um dia, como vidro. Não ousava tocar mais no revólver; contentava-se com abrir a gaveta, levantava um pouco as combinações de sua mãe e contemplava longamente o pequeno monstro glacial e cabeçudo que dormia no meio da seda cor-de-rosa. Entretanto, logo que ele resolveu viver, sentiu um vivo desapontamento e achou-se desarvorado. Felizmente, os múltiplos cuidados da volta o absorveram; seus pais enviaram-no ao liceu Saint-Louis para seguir os cursos preparatórios da École Centrale. Usava um bonezinho debruado de vermelho com uma insígnia e cantava:

“É o pistão que faz andar as máquinas

É o pistão que faz andar os vagões...”

Esta nova dignidade de “pistão”⁴ enchia Lucien de orgulho; e depois, sua classe não se parecia com as outras; tinha tradições e um cerimonial; era uma força. Por exemplo, era costume que uma voz perguntasse, um quarto de hora antes do fim do curso de francês:

— Que é um cadete?

E todos respondiam em surdina:

— É um trouxa!

Ao que a voz tornava:

— Que é um aluno de Agronomia? E respondia um pouco mais forte:

— É um trouxa!

Então, o Sr. Béthume, que era quase cego e usava óculos pretos, dizia com lassidão:

— Por favor, senhores!

Havia alguns instantes de silêncio absoluto e os alunos entreolhavam-se com sorrisos inteligentes, depois alguém gritava:

— Que é um “pistão”? E a classe rugia:

— É um sujeito formidável!

Nesses momentos Lucien sentia-se galvanizado. À tarde contava minuciosamente a seus pais os diversos incidentes do dia e quando dizia: “Então toda a classe se pôs a rir”, ou então: “Toda a classe decidiu pôr Meyrinez no ridículo”, as palavras, saindo, aqueciam-lhe a boca, como um

⁴ “Bicho novo” na gíria do colégio. (N. do T.)

gole de álcool. Entretanto os primeiros meses foram bem duros. Lucien falhou nos trabalhos de matemática e de física e além disso seus camaradas individualmente não eram muito simpáticos; estudavam de graça, eram, na maior parte, esforçados, sujos, sem educação.

– Não há um, dizia a seu pai, que eu deseje fazer meu amigo.

– Eles, disse sonhadoramente o Sr. Fleurier, representam uma elite intelectual; entretanto, dão maus chefes; pularam uma etapa.

Lucien, ouvindo falar de “maus chefes”, sentiu um aperto desagradável no coração e pensou, de novo, em matar-se durante as semanas que se seguiram; mas não sentia o mesmo entusiasmo das férias. No mês de janeiro, um novo aluno chamado Berliac scandalizou toda a classe; vestia roupas cintadas verdes ou malva, na última moda, pequenos colarinhos redondos e calças como se viam nas gravuras dos alfaiates, tão estreitas que era de perguntar como podia enfiá-las. Logo se classificou em último lugar em matemática. “Pouco me importo”, declarou, “sou um literato, estudo matemática para me modificar”. No fim de um mês tinha seduzido todo mundo; distribuía cigarros de contrabando, dizia-lhes que tinha mulheres e mostrava-lhes as cartas que elas lhe enviavam. Toda a classe decidiu que ele era um “bicho” e que era preciso deixá-lo em paz. Lucien admirava muito sua elegância e suas maneiras, mas Berliac tratava Lucien com condescendência, chamando-o de “filhinho de papai”.

– Afinal, disse um dia Lucien, é melhor do que se eu fosse filho de pobres.

Berliac sorriu.

– Você é um cínico! disse-lhe, e, no outro dia, fê-lo ler um de seus poemas: Caruso engolia olhos crus todas as noites, mas fora disso era sóbrio como um camelo. Uma senhora fez um ramallete com os olhos de sua família e lançou-o ao palco. Todos se inclinaram diante desse gesto exemplar. Mas não se esqueçam de que sua hora de glória durou trinta e sete minutos; exatamente depois do primeiro brava até a extinção do grande lustre da Ópera (daí em diante foi preciso que ela trouxesse na trela o marido, laureado de muitos concursos e que tapava com duas cruces de guerra as cavidades róseas de suas órbitas). E notem bem isto: todos aqueles dentre nós que comerem muita carne humana em conserva perecerão de escorbuto.

– Muito bem, disse Lucien perturbado.

– Eu os faço, disse Berliac com indolência, com uma nova técnica, isso se chama escrita automática.

Algum tempo depois, Lucien teve uma violenta vontade de matar-se e decidiu pedir conselho a Berliac.

— Que é que devo fazer? perguntou ele quando expôs seu caso.

Berliac ouvira-o com atenção; tinha o hábito de chupar os dedos e molhar com saliva as espinhas que tinha no rosto, de modo que sua pele brilhava aqui e ali, como um caminho após a chuva.

— Faça como quiser, disse enfim, isso não tem nenhuma importância.

Refletiu um pouco e ajuntou, acentuando as palavras:

— *Nada* tem *jámais* nenhuma importância.

Lucien ficou um pouco desiludido mas compreendeu que Berliac ficara profundamente impressionado quando o convidou, na quinta-feira seguinte, a tomar café em casa de sua mãe. A Sra. Berliac, que tinha verrugas e uma mancha carmesim na face esquerda, foi amabilíssima:

— Veja — disse Berliac a Lucien, as verdadeiras vítimas da guerra somos nós.

Essa era a opinião de Lucien e eles convieram em que pertenciam, os dois, a uma geração sacrificada. O dia caía, Berliac estava deitado na cama, com as mãos atrás da nuca. Fumaram cigarros ingleses, tocaram discos no gramofone e Lucien ouviu a voz de Sophie Tucker e a de Al Johnson. Tornaram-se melancólicos e Lucien pensou que Berliac era seu melhor amigo. Berliac perguntou-lhe se ele conhecia a psicanálise, sua voz era séria e ele olhava Lucien com gravidade.

— Desejei minha mãe até a idade de quinze anos, confiou.

Lucien sentiu-se pouco à vontade; tinha medo de corar e depois lembrou-se das verrugas da Sra. Berliac e não compreendeu bem como se pudesse desejá-la. Entretanto, quando lá entrou para lhes trazer as torradas, ficou vagamente perturbado e tentou adivinhar seus seios através da malha amarela que vestia. Quando ela saiu, Berliac disse com uma voz positiva:

— Você também, naturalmente, teve vontade de dormir com sua mãe.

Ele não interrogava, afirmava. Lucien deu de ombros:

— Naturalmente, disse.

No dia seguinte estava inquieto, tinha medo de que Berliac repetisse sua conversação. Mas tranquilizou-se depressa: “Depois”, pensou, “ele está mais comprometido que eu”. Estava seduzido pelo rumo científico que tinham tomado suas confidências, e na quinta-feira seguinte leu uma obra de

Freud sobre o sonho, na biblioteca Santa Genoveva. Foi uma revelação. “É isso”, repetia-se vagando pelas ruas, “é isso!” Comprou em seguida, *L’Introduction à la Psychanalyse* e a *Psychopatologie de la vie quotidienne*, e tudo se aclarou para ele. Essa impressão estranha de não existir, esse vazio que sentia muito tempo na consciência, sua sonolência, suas perplexidades, seus esforços vãos para se conhecer, que nunca encontravam senão uma cortina de bruma... “Por Deus”, pensou ele, “eu tenho um complexo”. Contou a Berliac como, na sua infância, imaginava-se sonâmbulo e como os objetos nunca lhe pareciam completamente reais:

- Devo ter, concluiu, um complexo que ninguém entende.
- Como eu, disse Berliac; nós temos complexos particulares, especiais!

Eles tomaram o hábito de interpretar seus sonhos, e até seus menores gestos; Berliac tinha sempre tantas histórias a contar que Lucien suspeitava um pouco que ele as inventasse ou, pelo menos, que as enfeitasse. Entendiam-se, porém, muito bem e trataram os assuntos mais delicados com objetividade; reconheceram que usavam uma máscara de jovialidade para enganar os que os rodeavam mas, que estavam, no fundo, terrivelmente atormentados. Lucien sentia-se livre de suas inquietações. Atirou-se avidamente à psicanálise porque compreendeu que era o que lhe convinha e presentemente sentia-se fortalecido, não tinha mais necessidade de se imaginar doente e de estar sempre a procurar na consciência as manifestações palpáveis de seu caráter. O verdadeiro Lucien encontrava-se profundamente enterrado no inconsciente, era preciso sonhar com ele sem nunca o ver, como o querido ausente. Lucien pensava sempre nos seus complexos e imaginava, com um certo orgulho, o mundo obscuro, cruel e violento que se remexia sob os vapores de sua consciência.

– Você compreende, dizia a Berliac, aparentemente sou uma criança adormecida e indiferente a tudo, alguém desinteressante. E mesmo de dentro, você sabe, parecia de tal modo isso, que estive a ponto de me deixar convencer. Mas eu sabia que havia outra coisa.

– Há *sempre* outra coisa, respondia Berliac.

E eles sorriam com orgulho. Lucien fez um poema intitulado “Quando a bruma se desfizer” e Berliac achou-o famoso, mas reprovou Lucien de não o ter escrito em versos metrificados. Decoraram-no, assim mesmo, e quando queriam falar de suas libidos diziam com visível prazer:

“Os grandes caranguejos dissimulados sob o manto de névoa”, depois, muito simplesmente, “os caranguejos”, piscando o olho. Mas ao fim de algum tempo, Lucien, quando estava só e principalmente à noite, começou a achar tudo aquilo uma coisa medonha. Não ousava mais olhar sua mãe de frente, e quando a beijava antes de ir deitar-se, temia que uma força tenebrosa desviasse seu beijo e o fizesse cair na boca da Sra. Fleurier; era como se ele carregasse um vulcão dentro dele. Lucien vigiava-se com precaução, para não violentar a alma suntuosa e sinistra que tinha descoberto. Ele sabia, agora, tudo o que ela comportava e receava seu terrível despertar. “Tenho medo de mim”, dizia-se. Renunciara, havia seis meses, às práticas solitárias porque elas o aborreciam e ele tinha muito trabalho, mas voltou de novo a elas. Era preciso que cada um seguisse sua inclinação, os livros de Freud estavam cheios de histórias de infelizes jovens que haviam tido crises por terem rompido muito bruscamente com seus hábitos.

— Será que não vamos ficar loucos? perguntava a Berliac.

Com efeito, certas quintas-feiras, sentiam-se estranhos; a penumbra tinha-se sorrateiramente introduzido no quarto de Berliac, haviam fumado maços inteiros de cigarros opiados, suas mãos tremiam. Então, um deles se levantava sem nada dizer, caminhava cautelosamente até a porta e virava o comutador. Uma luz amarela inundava o quarto e eles se entreolhavam com desconfiança.

Lucien não tardou a verificar que sua amizade por Berliac repousava sobre um mal-entendido: ninguém mais que ele, certamente, era sensível à beleza patética do complexo de Édipo, mas via naquilo sobretudo o sinal de uma força de paixão que desejava derivar mais tarde para outros fins. Berliac, ao contrário, parecia comprazer-se com seu estado e não queria sair dele.

— Somos tipos decadentes, dizia-lhe com orgulho, vencidos. Nunca faremos nada.

— Nada, respondia Lucien corno um eco.

Mas estava furioso. Na volta das férias da Páscoa, Berliac contou-lhe que tinha compartilhado o mesmo quarto de sua mãe num hotel de Dijon; um dia levantara-se de manhãzinha, aproximara-se da cama onde a mãe dormia ainda e erguera vagarosamente as cobertas.

— Sua camisa estava levantada, contou, caçoando.

Ouvindo essas palavras, Lucien não pôde evitar o desprezo que sentiu por Berliac e achou-se muito só. É bonito ter complexos mas era preciso saber liquidá-los em tempo; homem feito poderia ele assumir responsabilidade e aceitar um comando se tivesse conservado uma sexualidade infantil? Lucien começou a inquietar-se seriamente; gostaria de pedir o conselho de uma pessoa autorizada mas não sabia a quem se dirigir. Berliac falava-lhe muitas vezes de um surrealista chamado Bergère, muito versado em psicanálise e que parecia ter grande ascendência sobre ele; mas nunca propôs a Lucien conhecê-lo. Lucien ficou também desapontado porque contara com Berliac para conhecer mulheres; julgava que a posse de uma linda amante mudaria naturalmente o curso de suas idéias; Berliac porém nunca mais falou de suas belas amigas. Eles iam, às vezes, a certas ruas, seguiam mulheres da vida mas não ousavam falar-lhes:

— Que quer você, meu velho, dizia Berliac, não somos da raça dos que agradam. As mulheres sentem em nós alguma coisa que as amedronta.

Lucien não respondia; Berliac começava a irritá-lo. Ele fazia, freqüentemente, gracejos de muito mau gosto a respeito dos pais de Lucien, chamava-os de Senhor e Senhora Dumollet. Lucien compreendia muito bem que um surrealista desprezasse a burguesia em geral, mas Berliac tinha sido muitas vezes convidado pela Sra. Fleurier, que o havia tratado com confiança e amizade; na falta de gratidão, um simples cuidado de decência o teria impedido de falar dela nesse tom. Além disso, Berliac era terrível com sua mania de pedir emprestado dinheiro que não restituía mais; no ônibus nunca tinha trocado e era preciso pagar por ele; nos cafés não propunha, senão uma vez em cinco, pagar as despesas. Lucien disse-lhe tudo, um dia, que não compreendia aquilo, e que se devia, entre camaradas, dividir todos os gastos quando saíam. Berliac olhou-o impenetrável e respondeu:

— Eu o suspeitava, você é um anal. E explicou-lhe a informação freudiana: fezes = ouro, é a teoria freudiana da avareza. Eu queria saber uma coisa, disse ele, até que idade sua mãe o limpou?

Estiveram a ponto de brigar.

Desde os princípios de maio, Berliac pôs-se a faltar ao liceu; Lucien ia encontrá-lo, após a aula, em um bar na rua dos Petits-Champs onde bebiam vermouths “Crucifix”. Uma terça-feira à tarde, Lucien encontrou Berliac sentado diante de um copo vazio.

— Enfim, disse Berliac. Ouça, é preciso que eu dê o fora, tenho encontro às cinco horas com meu dentista. Espere-me, ele mora ao lado e será só uma meia hora.

– O. K., respondeu Lucien, deixando-se cair sobre uma cadeira. François, dê-me um vermute branco.

Nesse momento um homem entrou no bar e sorriu com um ar admirado ao percebê-lo Berliac corou e levantou-se precipitadamente. “Quem será?” pensou Lucien. Berliac, apertando a mão do desconhecido, tinha-se colocado de modo a ocultar-lhe Lucien, falava com uma voz baixa e rápida, e o outro respondia com uma voz clara:

– Mas não, meu pequeno, você nunca será senão um farsista.

Ao mesmo tempo, alçou-se nas pontas dos pés e encarou Lucien por sobre o crânio de Berliac, com uma tranqüila segurança. Podia ter trinta e cinco anos; tinha um rosto pálido e magníficos cabelos brancos. “É seguramente Bergère”, pensou Lucien, com o coração batendo, “como é bonito!”

Berliac pegara o homem de cabelos brancos pelo cotovelo com um gesto timidamente autoritário:

– Venha comigo, disse ele, eu vou ao meu dentista, é a dois passos.

– Mas você está com um amigo, creio, respondeu o outro, sem tirar os olhos de Lucien, você deve apresentar-nos.

Lucien levantou-se sorrindo. “Livre-se desta!” pensou com as faces em fogo. O pescoço de Berliac entrou nas espáduas e Lucien acreditou, por um segundo, que ele ia recusar.

– Bem, apresente-me logo, disse, com uma voz prazenteira. Mas apenas falou, o sangue afluíu às têmporas; desejou afundar-se na terra. Berliac fez meia volta e resmungou sem olhar ninguém:

– Lucien Fleurier, um colega do liceu, Sr. Achile Bergère.

– Senhor, admiro suas obras, disse Lucien, com voz fraca.

Bergère pegou-lhe as mãos nas suas, finas e longas, obrigando-o a sentar-se. Fez-se silêncio; Bergère envolvia Lucien num olhar quente e terno; conservava-lhe a mão:

– Está nervoso? perguntou suavemente.

Lucien aclarou a voz e dirigiu a Bergère um olhar firme:

– Estou nervoso, respondeu claramente.

Parecia-lhe que acabava de se sujeitar às provas de uma iniciação. Berliac hesitou ainda um instante, depois veio raivosamente tomar seu lugar,

atirando o chapéu na mesa. Lucien queimava-se de vontade de contar a Bergère sua tentativa de suicídio; era alguém com quem era preciso falar abruptamente, sem preparação. Não ousou dizer nada por causa de Berliac; odiava Berliac.

— Você tem raki? perguntou Bergère ao garçom.

— Não, não tem, disse Berliac com solicitude; é um bar simpático mas não há nada para beber além de vermute.

— Que é esta coisa amarela que está lá embaixo numa garrafa branca? perguntou Bergère com uma desenvoltura cheia de suavidade.

— É o “Crucifix” branco, explicou o garçom.

— Dê-me um.

Berliac agitava-se na cadeira; parecia dividido entre o desejo de elogiar seus amigos e o receio de fazer brilhar Lucien à sua custa. Acabou por dizer, com voz triste e altivo:

— Ele quis matar-se.

— Naturalmente, disse Bergère.

Houve novo silêncio: Lucien baixara os olhos com um ar modesto, mas inquietava-se por saber se Berliac não iria logo embora. Bergère olhou de repente o relógio.

— E seu dentista? perguntou. Berliac levantou-se desajeitadamente.

— Acompanhe-me, Bergère, suplicou, é a dois passos.

— Eu o espero e, enquanto isso, farei companhia ao seu amigo.

Berliac demorou-se ainda um pouco, saltava de um pé a outro.

— Vá embora, disse Bergère com voz imperiosa. Você nos encontrará aqui.

Logo que Berliac saiu, Bergère levantou-se e foi sentar-se sem cerimônia, ao lado de Lucien. Este contou-lhe longamente sua tentativa de suicídio, explicou-lhe que havia desejado sua mãe e que era um sádico-anal, que no fundo não gostava de nada e que nele tudo era comédia. Bergère ouviu-o sem dizer palavra, olhando-o profundamente e Lucien achou delicioso ser compreendido. Quando terminou, Bergère pousou-lhe familiarmente o braço no ombro e Lucien sentiu uma mistura de água-de-colônia e fumo inglês.

— Sabe, Lucien, como se chama seu estado?

Lucien olhou Bergère com esperança e não ficou desapontado.

– Eu chamo a isso Desajustamento.

Desajustamento – a palavra havia começado terna e branca como um luar, mas o “o” final tinha o brilho acobreado de uma trompa.

– Desajustamento, repetiu Lucien.

Sentiu-se grave e inquieto como quando dissera a Riri que era sonâmbulo. O bar estava sombrio mas a porta abria-se inteiramente para a rua, para a luminosa névoa da primavera; sob o perfume que desprendia Bergère, Lucien percebia o cheiro pesado da sala escura, um cheiro de vinho tinto e madeira úmida. “Desajustamento”, pensou ele, “a que me vai isto conduzir?” Não sabia bem se lhe havia descoberto uma glória ou uma nova doença; ele via próximo dos seus olhos os lábios ágeis de Bergère que velavam e descobriam sem parar o brilho de um dente de ouro.

– Gosto dos seres que se acham desajustados, disse Bergère, e acho que você tem uma sorte extraordinária. Porque, enfim, isso lhe foi dado. Você vê todos esses tipos? São uns assentados. Seria preciso oferecê-los às formigas vermelhas para contrariá-los um pouco. Você sabe o que fazem esses conscienciosos animalejos?

– Comem o homem, respondeu Lucien.

– Sim, eles desembaraçam os esqueletos de sua carne humana.

– Eu sei, disse Lucien. E acrescentou: E eu? Que é preciso que eu faça?

– Nada, pelo amor de Deus, disse Bergère com um medo cômico. E sobretudo não sentar-se. A menos, disse rindo, que seja sobre uma estaca. Leu Rimbaud?

– Não, disse Lucien.

– Eu lhe emprestarei as *Illuminations*. Ouça, é preciso que nos vejamos novamente Se você estiver livre quinta-feira passe por casa, lá pelas três horas, moro em Montparnasse, no número 9 da rua Campagne-Première.

Na quinta-feira seguinte Lucien foi à casa de Bergère e lá voltou quase todos os dias do mês de maio. Tinha combinado dizer a Berliac que se viam uma vez por semana, porque queriam ser francos com ele, evitando aborrecê-lo. Berliac mostrou-se totalmente inconveniente; perguntou a Lucien caçoando:

– Então, é um rabicho, hein? Ele deu o golpe da inquietude e você deu nele o golpe do suicídio: o grande jogo!...

Lucien protestou:

– Não se esqueça, disse ele, corando, que foi você quem primeiro falou de meu suicídio.

– Oh! disse Berliac, foi somente para evitar-lhe a vergonha de o fazer você mesmo. Espaçaram seus encontros.

– Tudo o que me agradava nele, disse um dia Lucien a Bergère, é de você que tomava emprestado, percebo-o agora.

– Berliac é um macaco, respondeu Bergère rindo, é o que me atraiu sempre nele. Você sabe que a avó materna dele é judia? Isso explica muita coisa.

– Com efeito, respondeu Lucien. Ao fim de um instante acrescentou:

– Aliás, é uma pessoa encantadora.

O apartamento de Bergère era atravancado de objetos estranhos e cômicos: tamboretas cujo assento de veludo vermelho repousava sobre pernas de mulher, de madeira pintada, estátuas negras, um cinto de castidade de ferro batido, seios de gesso, nos quais havia plantadas pequenas colheres; sobre a mesa um gigantesco piolho de bronze e um crânio de frade roubado a um ossário de Mistra serviam de peso. As paredes eram atapetadas de cartas-convite anunciando a morte do surrealista Bergère. Malgrado tudo isso, o apartamento dava impressão de conforto inteligente e Lucien gostava de se espichar no fundo divã da sala de fumar. O que particularmente o assombrava era a enorme quantidade dessas pequenas armadilhas para fazer a gente cair que Bergère tinha acumuladas, sobre um aparador; fluido glacial, pó para espirrar, pó-de-mico, açúcar flutuante, excremento de papelão, etc. Bergère pegava, sem parar de falar, a imitação de excremento e a considerava gravemente:

– Estas armadilhas, dizia, têm um valor revolucionário, inquietam. Há mais poder destruidor nelas do que nas obras completas de Lenine.

Lucien, surpreendido e encantado, olhava alternadamente aquele belo rosto atormentado de olhos cavos e aqueles longos dedos finos que seguravam com g-aça. uma perfeita imitação de excremento. Bergère falava-lhe freqüentemente de Rimbaud e do “desregramento sistemático de todos os sentidos”.

– Quando você puder, passando pela praça da Concórdia, ver distintamente e à vontade uma negra de joelhos prestes a chupar o obelisco, você poderá dizer que se libertou e está salvo.

Emprestou-lhe as *Illuminations*, es *Chants de Maldoror* e as obras do Marquês de Sade. Lucien tentou conscienciosamente compreender, mas muita coisa escapou-lhe e ficou chocado porque Rimbaud era pederasta. Indagou-o de Bergère que se pôs a rir:

– Mas por quê, minha criança?

Lucien ficou muito embaraçado. Corou e durante um minuto odiou Bergère com todas as suas forças; dominou-se, porém, levantou a cabeça e disse com uma franqueza simples:

– Eu disse uma besteira.

Bergère afagou-lhe os cabelos, parecendo comovido:

– Esses grandes olhos cheios de perturbação, disse ele, esses olhos de corça... Sim Lucien, você disse uma besteira. A pederastia de Rimbaud é o primeiro e genial desregramento de sua sensibilidade. É a ela que devemos seus poemas. Acreditar que há objetos específicos do desejo sexual e que esses objetos são as mulheres, porque elas têm um buraco entre as pernas, é o hediondo e voluntário erro dos assentados. Olhe!

Ele tirou de sua mesa uma dúzia de fotografias amareladas e as jogou sobre os joelhos de Lucien. Eram horríveis prostitutas nuas, rindo com as bocas desdentadas, abrindo as pernas como lábios e apontando dentre as coxas algo como uma língua escumosa.

– Obtive a coleção por três francos de Bou-Saada, disse Bergère. Se você beijar o traseiro dessas mulheres você é um filho de família, e todos dirão que você leva uma vida de rapaz. Porque são mulheres, compreende? Eu lhe digo que a primeira coisa a fazer é persuadir-se de que *tudo* pode ser objeto de desejo sexual, uma máquina de costura, um provete, um cavalo ou um sapato. Eu, disse sorrindo, faço amor com as moscas. Conheci um fuzileiro naval que se satisfazia com patos. Metia-lhes a cabeça numa gaveta, prendia-os solidamente pelas patas e pronto!

Bergère beliscou distraidamente a orelha de Lucien e concluiu:

– O pato morria e o batalhão o comia.

Lucien saía dessas entrevistas com a cabeça em fogo, pensava que Bergère era um gênio, mas acontecia-lhe despertar à noite molhado de suor, a cabeça cheia de visões monstruosas e obscenas, e ele se perguntava se

Bergère exercia sobre ele boa ou má influência: “Ser só!” gemia, torcendo as mãos, “não ter ninguém para me aconselhar, para me dizer se estou no caminho certo!” Se fosse até o fim, se praticasse a valer o desregramento de todos os sentidos, não iria perder pé e naufragar? Um dia em que Bergère havia falado longamente de André Breton, Lucien murmurou como num sonho:

— Sim, mas se depois disso não puder voltar atrás? Bergère sobressaltou-se:

— Voltar atrás? Quem falou em voltar atrás? Se você ficar louco, tanto melhor. Depois, como disse Rimbaud, “virão outros horríveis trabalhadores”.

— É bem o que eu pensava, disse Lucien tristemente.

Reparou que essas longas conversas tinham um resultado oposto ao que desejava Bergère: desde que Lucien se surpreendia a experimentar uma sensação um pouco fina, uma impressão original, punha-se a tremer: “Está começando”, pensava. De bom grado desejara ter apenas as percepções mais vulgares e espessas; não se sentia bem senão à noite com seus pais — era o seu refúgio. Eles falavam de Briand, da má vontade dos alemães, dos partos da prima Jeanne do custo da vida; Lucien trocava voluptuosamente com eles opiniões de um grosseiro bom senso. Um dia, como entrasse no seu quarto depois de haver deixado Bergère, fechou maquinalmente a porta a chave. Quando percebeu o gesto, esforçou-se para rir, mas não pôde dormir, concluiu que tinha medo.

Entretanto, não deixou por nada deste mundo de freqüentar Bergère. “Ele me fascina”, dizia com seus botões. Além disto, apreciava vivamente a camaradagem tão delicada de um gênero tão particular que Bergère soube estabelecer entre ambos. Sem deixar um tom viril e quase rude, Bergère tinha a arte de fazer sentir e por assim dizer fazer Lucien tocar na sua ternura; por ser tão mal vestido, penteava-o com um pente de ouro que viera do Camboja. Revelou a Lucien seu próprio corpo e explicou-lhe a áspera e patética beleza da Juventude:

— Você é Rimbaud, dizia-lhe, ele tinha mãos grandes quando veio a Paris ver Verlaine, tinha esse rosto de jovem camponês saudável e esse corpo longo e franzino de menina loura.

Obrigava Lucien a desfazer o colarinho e abrir a camisa, depois conduzia-o, muito confuso, à frente de um espelho e fazia-o admirar a

harmonia encantadora de suas faces vermelhas e de seu pescoço branco; roçava então com mão leve os quadris de Lucien e tristemente dizia:

— A gente devia matar-se aos vinte anos.

Freqüentemente, agora, Lucien olhava-se nos espelhos, e aprendia a admirar a sua jovem graça cheia de timidez. “Eu sou Rimbaud”, pensava ele, à noite, tirando a roupa com gestos suaves e começava a crer que teria a vida breve e trágica de uma flor belíssima. Nesses momentos parecia-lhe que havia conhecido, muito tempo antes, impressões análogas e uma imagem absurda voltava-lhe ao espírito; revia-se pequenino, com um longo vestido azul, asas de anjo, distribuindo flores em uma venda da caridade. Olhava suas longas pernas. “Será verdade que tenho a pele tão macia,” pensava divertido. E uma vez passeou os lábios sobre o antebraço, subindo ao longo de uma encantadora veiazinha azul.

Um dia, entrando em casa de Bergère, teve uma surpresa desagradável: Berliac estava lá, ocupava-se em destacar com uma faca fragmentos de uma substância trigueira que tinha o aspecto de um torrão. Os dois jovens não se tinham mais visto havia dez dias; apertaram-se as mãos com frieza.

— Veja isto, disse Berliac, é haxixe. Vamos colocá-lo nestes cachimbos entre duas camadas de tabaco, isto é de um efeito admirável. Dá para você também, ajuntou ele.

— Obrigado, disse Lucien, não quero. Os outros dois olharam-se a rir e Berliac insistiu, de cara fechada:

— Mas você é idiota, meu velho, você vai aceitar: não pode imaginar como é agradável.

— Eu lhe disse que não! volveu Lucien.

Berliac não respondeu mais nada, limitou-se a sorrir com um ar superior e Lucien viu que Bergère também sorria. Bateu com o pé e disse:

— Não quero isso, não quero me liquidar, acho idiota tomar essa coisa que embrutece.

Ele tinha falado sem querer, mas quando compreendeu o alcance do que dissera e imaginou o que Bergère podia pensar dele, teve vontade de matar Berliac e as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

— Você é um burguês, disse Berliac levantando os ombros, você finge nadar, mas tem muito medo de perder o pé.

– Eu não quero me viciar, disse Lucien com uma voz mais calma, é uma escravidão como outra e eu quero ficar disponível.

– Diga que tem medo de comprometer-se, respondeu violentamente Berliac.

Lucien ia dar-lhe umas bofetadas quando ouviu a voz imperiosa de Bergère:

– Deixe-o, Charles, dizia a Berliac. É ele quem tem razão. Seu medo de comprometer-se faz parte do desajustamento.

Fumaram os dois, estendidos no divã e um cheiro de papel da Armênia espalhou-se pelo aposento. Lucien estava sentado num tamborete de veludo vermelho e contemplava em silêncio. Berliac, depois de algum tempo, deixou cair a cabeça para trás e bateu as pálpebras com um sorriso molhado. Lucien olhava-o com rancor e sentia-se humilhado. Enfim Berliac levantou-se e deixou a sala com um passo hesitante; havia guardado até o fim nos lábios o sorriso adormecido e voluptuoso .

Bergère pôs-se a rir.

– Não vale a pena, respondeu. Não faça isso por causa de Berliac. Você sabe o que ele faz neste momento?

– Que me importa? perguntou Lucien.

– Pois bem, saiba assim mesmo: ele vomita, disse tranqüilamente Bergère. É o único efeito que o haxixe produz nele. O resto não é mais que uma comédia, mas eu o faço fumar algumas vezes porque ele quer me impressionar e me diverte.

No dia seguinte, no liceu, Berliac quis contar vantagem a Lucien.

– Você sobe nos trens, disse ele, mas escolhe cuidadosamente os que ficam na estação. Ao que o outro retrucou:

– Você é que gosta de se gabar, você pensa que eu não sei o que você fazia ontem no banheiro? Você vomitava, meu velho!

Berliac tornou-se pálido.

– Foi Bergère quem lhe disse?

– Quem quer você que seja?

– Está bem, balbuciou Berliac, mas eu não acreditava que Bergère fosse um tipo capaz de ridicularizar os seus antigos camaradas com os novos.

Lucien estava um pouco inquieto; havia prometido a Bergère não contar nada.

— Não seja bobo, ele não ridiculariza você, simplesmente quis mostrar-me que aquilo era fita.

Mas Berliac virou-lhe as costas e partiu sem lhe apertar a mão. Lucien estava desapontado quando encontrou Bergère.

— Que foi que você disse a Berliac? perguntou Bergère com ar neutro.

Lucien baixou a cabeça sem responder, estava abatido. Sentiu de repente a mão de Bergère sobre a nuca:

— Isso não é nada, meu pequeno. De todo jeito, era preciso que acabasse; os comediantes não se divertem nunca muito tempo.

Lucien criou alma nova; levantou a cabeça e sorriu:

— Mas eu também sou um comediante, disse batendo as pálpebras.

— Sim, mas você é agradável, respondeu Bergère atraindo-o para si.

Lucien abandonou-se; sentia-se terno como uma moça e tinha lágrimas nos olhos. Bergère beijou-o nas faces e mordeu-lhe a orelha chamando-o ora de “meu safadinho”, ora de “meu irmãozinho” e Lucien pensava que era agradável ter um irmão tão indulgente e tão compreensivo.

O Sr. e a Sra. Fleurier quiseram conhecer esse Bergère de quem Lucien falava tanto e convidaram-no para jantar. Toda gente o achou encantador, até Germaine, que nunca tinha visto um homem tão bonito; o Sr. Fleurier havia conhecido o general Nizan que era tio de Bergère e falou nele longamente. Também a Sra. Fleurier sentiu-se feliz por confiar Lucien a Bergère nas férias de Pentecostes. Eles foram a Ruão de automóvel; Lucien queria ver a catedral, a Câmara Municipal, mas Bergère recusou terminantemente:

— Essas imundícies? perguntou com insolência.

Finalmente foram passar duas horas em um bordel da rua dos Cordeliers e Bergère foi engraçado: chamava todas as mulheres de “senhorita” batendo nos joelhos de Lucien por baixo da mesa, depois subiu com uma delas, mas voltou ao fim de cinco minutos.

Pagaram rapidamente, e saíram. Na rua Bergère contou o que se tinha passado; ele aproveitara a ocasião em que a mulher virara as costas para atirar no leito um grande punhado de pó-de-mico, depois disse que era impotente e tornou a descer. Lucien tinha bebido dois uísques e estava um

pouco ébrio; cantava o *Artilleur de Metz* e o *De Profundis Morpionibus*, achava admirável que Bergère fosse ao mesmo tempo tão profundo e tão gaiato.

— Eu só tomei um quarto, disse Bergère quando chegaram ao hotel, mas com um grande banheiro.

Lucien não se surpreendeu: tinha pensado vagamente durante a viagem que partilharia o quarto de Bergère mas sem se deter muito tempo nessa idéia. Agora que não podia mais recuar, achava a coisa um pouco desagradável, principalmente porque não estava com os pés limpos. Imaginou, enquanto subiam as malas, que Bergère lhe diria: “Como você está imundo; você vai sujar as cobertas” e ele responderia com insolência: “Você tem idéias bem burguesas sobre o asseio”. Mas Bergère empurrou-o para o quarto de banho com sua maleta, dizendo-lhe:

— Arranje-se aí dentro, eu vou despir-me no quarto.

Lucien lavou os pés e tomou um banho de assento. Sentiu vontade de ir à privada mas não teve coragem e contentou-se com urinar no lavatório; depois vestiu uma camisola, calçou os chinelos que sua mãe lhe emprestara (os seus estavam inteiramente furados) e bateu à porta:

— Está pronto? perguntou.

Bergère havia enfiado um roupão preto sobre um pijama azul-celeste. O quarto cheirava a água-de-colônia.

— Só há uma cama? perguntou Lucien. Bergère não respondeu; olhava Lucien com assombro e terminou soltando uma formidável risada:

— Mas você está em fraldas de camisa! disse. Que fez de seu gorro de noite? Ah!, você está esquisitíssimo, eu queria que você se visse.

— Há dois anos, disse Lucien muito envergonhado, que eu peço à minha mãe que me compre pijamas. Bergère aproximou-se dele:

— Vamos, tire isso, disse em tom que não admitia réplica, vou dar-lhe um dos meus. Vai ficar um pouco grande, mas ficará melhor do que isso.

Lucien, pregado no meio do quarto, fixou os olhos nos losangos vermelhos e verdes da tapeçaria. Preferia voltar ao banheiro mas teve medo de passar por imbecil e com um movimento seco tirou a camisa pela cabeça. Houve um instante de silêncio. Bergère sorrindo olhava Lucien e este compreendeu de repente que estava no meio do quarto e que trazia nos pés os chinelos de pompom de sua mãe. Olhou as mãos — as grandes mãos de Rimbaud —, quis colocá-las sobre o ventre e esconder ao menos aquilo, mas

se conteve e colocou-as corajosamente atrás das costas. Nas paredes, entre duas filas de losangos, havia de longe em longe um quadradinho violeta.

— Palavra de honra, disse Bergère, você é também casto como uma donzela: olhe-se num espelho, Lucien, você ficou vermelho até o peito. No entanto, você está melhor assim do que em fraldas de camisa.

— Sim, disse Lucien com esforço, mas a gente não tem nunca um aspecto distinto quando está pelado. Passe-me depressa o pijama.

Bergère atirou-lhe um pijama de seda que cheirava a lavanda e eles deitaram-se. Houve um pesado silêncio:

— Vai mal, disse Lucien; tenho vontade de vomitar.

Bergère não respondeu e Lucien arrotou uísque. “Ele vai dormir comigo”, disse com seus botões. E os losangos da tapeçaria começaram a girar enquanto o odor de água-de-colônia apertava-lhe a garganta. — Não deveria ter feito esta viagem. Falta de sorte; vinte vezes, nesses últimos tempos, tinha estado a dois dedos da descoberta do que Bergère queria dele e depois de cada vez, como coisa feita de propósito, um incidente sobrevinha desviando seu pensamento. Agora, estava ali, na cama desse tipo, e aguardava, à disposição dele: “Vou pegar meu travesseiro e deitar-me no banheiro”. Mas não se mexeu, pensando no olhar irônico de Bergère. Pôs-se a rir:

— Estou pensando na mulher de agora há pouco, disse, ela já deve estar se coçando.

Bergère não respondeu; Lucien olhou-o com o canto dos olhos; o outro estava estendido, de costas, com um ar inocente, as mãos sob a nuca. Então um violento furor apoderou-se de Lucien; apoiou-se sobre um cotovelo e disse-lhe:

— Bem, que é que espera? É para enfiar pérolas que me trouxe aqui?

Era muito tarde para arrepender-se; Bergère virou-se para ele e o considerou com um olhar divertido:

— Ora, veja só essa fêmeazinha com cara de anjo... Muito bem, menino, não fui eu quem falou, pois então é comigo que você conta para desregrar seus sentidinhos, hem?

Olhou-o ainda um instante, seus rostos quase se tocavam; depois pegou Lucien em seus braços e acariciou-lhe o peito debaixo do pijama. Isso não era desagradável, dava um pouco de cócegas; Bergère, porém, estava medonho; tinha um ar idiota e repetia com esforço:

— Você não tem vergonha, porquinho, você não tem vergonha, porquinho! — como as vozes no microfone que, nas estações, anunciam a partida dos trens.

A mão de Bergère, viva e ligeira, parecia gente. Roçava suavemente as mamicas de Lucien, parecendo carícia de água morna quando entra no banheiro. Lucien quis pegar aquela mão, arrancá-la de sobre seu corpo, torcê-la, mas Bergère teria rido: “Veja só a donzelinha”. A mão deslizava lentamente ao longo do seu ventre e parou para desfazer o nó do cordão que prendia a calça. Lucien abandonou-se. Sentia-se pesado e mole como uma esponja molhada e tinha um medo espantoso. Bergère afastou as cobertas e pousou a cabeça sobre o seu peito, como para auscultá-lo. Lucien teve, um atrás do outro, dois regurgitamentos azedos e sentiu medo de vomitar nos cabelos prateados que eram tão dignos.

— Está me apertando o estômago, disse ele.

Bergère levantou-se um pouco e passou uma das mãos nos rins de Lucien; a outra não acariciava mais, apertava.

— Você tem umas nádegas gostosas, falou de súbito.

Lucien pensava estar num pesadelo.

— Elas lhe apeteçam? perguntou provocante. Bergère largou-o de repente e levantou a cabeça com ar despeitado.

— Maldito blefador, disse raivosamente, quer fingir de Rimbaud e há mais de uma hora que faço tudo e não consigo excitá-lo.

Lágrimas de envenenamento apareceram nos olhos de Lucien que empurrou Bergère com toda a força:

— Não é culpa minha, disse com voz sibilante, fez-me beber demais, estou com vontade de vomitar.

— Bem, vomite, vá! exclamou Bergère, e bom proveito! Entre dentes: — Que noite maravilhosa!

Lucien vestiu de novo as calças, enfiou o roupão preto e saiu. Quando fechou a porta do banheiro, sentiu-se tão só e tão desamparado que explodiu em soluços. Não havia lenços nos bolsos do roupão e precisou enxugar os olhos e o nariz no papel higiênico. Tentou inutilmente meter dois dedos na garganta, não conseguiu vomitar. Então, deixando maquinalmente cair as calças, sentou-se na privada tiritando. “Que porco!”, pensava, “que porco!” Estava terrivelmente humilhado mas não sabia se sentia vergonha de se ter sujeitado às carícias de Bergère ou de não se ter excitado. O

corredor rangia do outro lado da porta e Lucien sobressaltava-se a cada rangido, mas não podia decidir-se a voltar para o quarto: “Entretanto é preciso que eu vá”, pensava, “é preciso, porque senão ele zombará de mim com Berliac!” Soergueu-se um pouco, mas lembrando-se do rosto de Bergère e do seu jeito animal, ouvindo-o dizer: “Você não tem vergonha, porquinho!” tornou a sentar-se desesperado. Após um momento foi presa de uma violenta diarreia que o aliviou um pouco: “Sai por baixo”, pensou, “prefiro isso”. Com efeito, não sentia mais vontade de vomitar. “Vou ficar doente”, pensou bruscamente e acreditou que ia desmaiar. Sentia tanto frio que começou a bater os dentes; pensou que ia ficar doente e levantou-se de repente. Quando voltou, Bergère olhou-o com um ar contrafeito; fumava um cigarro, seu pijama estava aberto e via-se seu tronco magro. Lucien tirou lentamente os chinelos e o roupão e deslizou, sem nada dizer, sob as cobertas.

- Está melhor? indagou Bergère. Lucien deu de ombros:
- Estou com frio!
- Quer que eu o aqueça?
- Experimente, respondeu Lucien.

Imediatamente sentiu-se esmagado por um peso enorme. Uma boca morna e mole colou-se à sua, parecia um bife cru. Lucien não compreendia mais nada, não sabia mais onde se achava e sufocava um pouco, mas estava contente porque sentia calor. Lembrou-se da Sra. Besse que lhe apoiava a mão sobre o ventre chamando-o “minha bonequinha” e de Hébrard que o apelidava “grande aspargo” e do banho de chuveiro que tomava de manhã imaginando que o Sr. Bouffardier ia entrar para dar-lhe uma lavagem e disse “eu sou sua bonequinha!” Nesse momento, Bergère soltou um grito de triunfo.

– Enfim! disse, você se decide. Ainda bem, acrescentou resfolegante, faremos alguma coisa de você. Lucien fez questão de tirar, ele mesmo, o pijama.

No dia seguinte, despertaram ao meio-dia. O empregado lhes trouxe o café na cama e Lucien achou que ele tinha um ar arrogante. “Ele me toma por um pederasta”, pensou com um estremecimento de desgosto. Bergère foi muito gentil, vestiu-se primeiro e foi fumar um cigarro na praça do Vieux Marche, enquanto Lucien tomava seu banho. “Em suma, é aborrecido”, pensou ele, esfregando-se cuidadosamente com uma luva de crina. Passando o primeiro momento de terror, quando percebera que não era tão doloroso

como supunha, caíra num tédio morno Esperava que aquilo terminasse para poder dormir, mas Bergère não o deixara tranqüilo antes de quatro horas da manhã. “Preciso terminar meu problema de trigonometria”, pensou. E esforçou-se por não cogitar senão do seu trabalho. O dia foi longo. Bergère contou-lhe a vida de Lautréamont, mas Lucien não o ouvia muito atentamente; Bergère o aborrecia um pouco. À noite, dormiram em Caudebec e naturalmente Bergère atormentou Lucien durante um bom momento, mas a uma hora da manhã, Lucien disse-lhe claramente que tinha sono e Bergère, sem se incomodar, deixou-o em paz. Voltaram a Paris pelo fim da tarde. Em resumo, Lucien não estava insatisfeito consigo mesmo.

Seus pais acolheram-no de braços abertos.

– Você, pelo menos, agradeceu ao Sr. Bergère? perguntou a mãe.

Permaneceu um momento a tagarelar com eles sobre os campos normandos e deitou-se cedo. Dormiu como um anjo, mas no dia seguinte, ao acordar, pareceu-lhe sentir um frio interno. Levantou-se e contemplou-se longamente ao espelho: “Eu sou um pederasta”, disse para si mesmo e abateu-se.

– Levante-se, Lucien, gritou sua mãe através da porta, hoje você vai ao liceu!

– Sim, mamãe, respondeu docilmente, mas deixou-se cair sobre a cama e pôs-se a olhar os dedos do pé. “Não é justo, eu não fazia idéia, não tenho experiência”. Aqueles dedos, um homem os havia chupado um por um. Lucien virou a cabeça com violência. “Ele sabia. Isso que ele me fez fazer tem um nome, chama-se satisfazer-se com um homem e ele sabia disso”. Era engraçado – Lucien sorriu com amargura – podia-se perguntar a si próprio durante dias inteiros: “Sou inteligente, será somente cartaz”, e não se chegava nunca a uma conclusão. Mas havia etiquetas que se pregavam à gente certa manhã, e era preciso carregá-las a vida inteira; por exemplo: Lucien era grande e loiro, parecia com o pai, era filho único e, desde a véspera, pederasta. Diriam dele: “Fleurier, você sabe quem é, é aquele loirão que gosta de homens”. E os outros responderiam: “Ah, sim, o veado grandão, sim, sei quem é”.

Vestiu-se e saiu, sem ânimo de ir ao liceu. Desceu a avenida de Lamballe até o Sena e seguiu o cais. O céu estava puro, as ruas cheiravam a folha verde, alcatrão e tabaco inglês. Lindo tempo para sentir roupas limpas sobre um corpo bem lavado com uma alma nova. Todas as pessoas tinham um aspecto de moralidade; só Lucien se sentia turvo e insólito nessa primavera. “É a tendência fatal”, refletia ele, “comecei pelo complexo de

Édipo, depois tornei-me sádico-anal e agora é o fim, sou pederasta; aonde irei parar?" Evidentemente seu caso não era ainda muito grave; não tinha tido muito prazer com as carícias de Bergère. "Mas se adquirisse o hábito," pensou com angústia. "Não poderei passar sem aquilo, será como a morfina!" Tornar-se-ia um homem tarado, ninguém quereria mais recebê-lo, os operários de seu pai caçoariam quando ele lhes desse uma ordem. Lucien imaginou com complacência seu espantoso destino. Via-se aos trinta e cinco anos, delicado e pintado, e um senhor de bigode da Legião de Honra, levantar-lhe a bengala com ar terrível. "Sua presença aqui, senhor, é um insulto às minhas filhas". De repente hesitou, cessando de devanear; lembrava-se de uma frase de Bergère. Em Caudebec, durante a noite, Bergère tinha dito: "Escute, você está gostando!" Que quisera dizer? Naturalmente Lucien não era de ferro e à força de ser excitado... "Isso não prova nada", repetia com inquietação. Dizia-se que essas pessoas eram extraordinárias para descobrir seus semelhantes, tinham como que um sexto sentido. Lucien olhou longamente um guarda que dirigia o trânsito diante da ponte de Iena. "Poderá este sujeito excitar-me?" Olhou as calças azuis do guarda e imaginou coxas musculosas e peludas: "Será que isso me produz algum efeito?" E tornou a andar, aliviado. "Não é tão grave", pensou, "posso ainda salvar-me. Ele abusou do meu desajustamento, mas não sou *realmente* pederasta". Recomeçou a experiência com todos os homens com que cruzava e o resultado era sempre negativo. "Uf!", pensou, "estou com calor!" Era um aviso. Era preciso não recomeçar porque o mau hábito é adquirido rapidamente e depois era necessário com toda urgência curar-se de seus complexos. Resolveu fazer-se psicanalisar por um especialista, sem contar nada a seus pais. Em seguida arranjaria uma amante e tornar-se-ia um homem como os outros.

Lucien começou a animar-se quando de repente pensou em Bergère: nesse momento mesmo, Bergère estava em algum lugar em Paris, satisfeito consigo mesmo, a cabeça cheia de lembranças: "Ele sabe como sou, conhece minha boca, ele me disse: 'Você tem um cheiro que não esquecerei'; irá gabar-se perante os amigos, dizendo: 'Eu o comi' — com se fosse uma mulher". Naquele instante mesmo talvez estivesse relatando suas noites a... — o coração de Lucien parou de bater — a Berliac! Se ele fizer isso eu o mato. Berliac detesta-me, contará a toda a classe, serei um tipo mal afamado, os colegas recusarão apertar-me a mão. "Direi que não é verdade", disse Lucien com seus botões loucamente, "eu me queixarei, direi que ele me violentou!" Lucien odiava Bergère com todas as forças, sem ele, sem essa consciência escandalosa e irremediável teria podido arranjar-se, ninguém teria sabido

nada e ele mesmo teria acabado por esquecer. Se Bergère pudesse morrer subitamente! “Meu Deus, eu Vos peço, fazei que ele morra esta noite antes de haver dito alguma coisa a alguém. Meu Deus, fazei que esta história seja enterrada, Vós não podeis querer que eu me torne um pederasta! Em todo caso ele conhece o meu segredo!” pensou Lucien com raiva. “Vai ser preciso que eu volte à sua casa e que faça tudo o que ele quer e que eu diga que gosto disto, senão estou perdido!” Deu ainda alguns passos e ajuntou, por medida de precaução: “Meu Deus, fazei que Berliac morra também”.

Lucien não pôde voltar à casa de Bergère. Durante as semanas seguintes, acreditava encontrá-lo a cada passo e, quando trabalhava no seu quarto, sobressaltava-se aos toques da campainha; à noite tinha pesadelos espantosos; Bergère possuía-o à força no meio do pátio do liceu Saint-Louis, todos os “pistões” estavam lá e olhavam caçoando. Mas Bergère não fez nenhuma tentativa para revê-lo e não deu sinal de vida. “Ele só queria o meu corpo”, pensou vexado Lucien. Berliac também desapareceu, e Guigard, que às vezes ia às corridas com ele aos domingos, afirmou que Berliac tinha deixado Paris em seguida a uma depressão nervosa. Lucien acalmou-se pouco a pouco; sua viagem a Ruão parecia-lhe um sonho obscuro e grotesco que não tinha ligações com coisa alguma; havia quase esquecido todos os pormenores, guardava somente a impressão de um morno cheiro de carne e água-de-colônia e de um intolerável enfado. O Sr. Fleurier perguntou muitas vezes no que dera o amigo Bergère:

- Será preciso que o convidemos a ir a Pérolles para agradecer-lhe.
- Ele partiu para Nova Iorque, acabou por responder Lucien.

Começou a andar de barco no Marne com Guigard e sua irmã e Guigard ensinou-o a dançar. “Estou despertando, pensava, estou renascendo”. Sentia porém ainda muito freqüentemente alguma coisa que lhe pesava sobre o dorso como uma sacola: eram os seus complexos; ele perguntava-se se não deveria ir procurar Freud em Viena: “Partirei sem dinheiro, a pé se for preciso, dir-lhe-ei: não tenho dinheiro mas sou um caso”. Por uma quente tarde de junho encontrou, no bulevar Saint-Michel, Babouin, seu antigo professor de filosofia.

- Então, Fleurier, perguntou Babouin, prepara-se para a École Centrale?
- Sim senhor, respondeu Lucien.
- Ora, o senhor teria podido orientar-se, disse Babouin, para os estudos literários. Era bom em filosofia.

— Não abandonei a filosofia, disse Lucien. Tenho feito alguma leitura este ano. Freud, por exemplo. A propósito, continuou ele, tomado de uma inspiração, eu queria perguntar-lhe, senhor: que pensa da psicanálise?

Babouin pôs-se a rir.

— É uma moda, disse, que passará. O que há de melhor em Freud, o senhor já encontrou em Platão.

De resto, continuou peremptório, eu lhe direi que não perco tempo com essas coisas. Ó senhor faria melhor se lesse Spinoza.

Lucien sentiu-se livre de um fardo enorme e voltou para casa a pé, assobiando: “Era um pesadelo”, pensou, “mas não resta mais nada!” O sol estava quente aquele dia, mas Lucien levantou a cabeça e fixou-o sem fechar os olhos — era o sol de todos e Lucien tinha o direito de olhá-lo de frente — estava salvo! “Ninharias!”, pensava, “ninharias! Procuraram perverter-me mas não puderam”. Com efeito, não tinha cessado de resistir: Bergère havia-o enredado em seus raciocínios, mas Lucien sentira bem, por exemplo, que a pederastia de Rimbaud era uma tara, e, quando esse cara de camarão do Bergère quis fazê-lo fumar haxixe tinha-o mandado passear. “Estive a ponto de perder-me”, pensou, “mas o que me protegeu foi minha saúde moral”. À tarde, ao jantar, olhou o pai com simpatia. O Sr. Fleurier tinha espáduas quadradas, gestos pesados e lentos de camponês, com alguma raça e olhos pardos, metálicos e frios de um chefe. “Pareço-me com ele”, pensou Lucien. Lembrou-se de que os Fleuriers, de pai a filho, eram industriais há quatro gerações: “É belo dizer: a família existe!” E pensou com orgulho na saúde moral dos Fleuriers.

Lucien não se apresentou, nesse ano, para o concurso da École Centrale e os Fleuriers partiram muito cedo para Férolles. Ficou encantado em encontrar de novo a casa, o jardim, a usina, a vila calma e equilibrada. Era outro mundo. Decidiu levantar-se bem cedo para fazer grandes passeios na região.

— Quero, disse ao pai, encher os pulmões de ar puro e fazer provisão de saúde para o próximo ano, antes da grande arrancada.

Acompanhou a mãe à casa dos Bouffardiers e de Besse e todos acharam que ele se tornara um rapagão equilibrado e sério. Hébrard e Winckelmann que seguiam os cursos de Direito em Paris tinham vindo a Férolles nas férias. Lucien saiu muitas vezes com eles e falaram de peças que pregavam ao abade Jacquemart, dos bons passeios de bicicletas e cantaram o ArtiŰeur de Metz a três vozes. Lucien apreciava vivamente a franqueza

rude e a solidez de seus antigos camaradas e censurou-se por havê-los desprezado. Confessou a Hébrard que não gostava nada de Paris, mas Hébrard não podia compreendê-lo, seus pais haviam-no confiado a um abade e ele estava muito bem vestido; sentia-se ainda emocionado com as visitas ao museu do Louvre e com as noites que passara na ópera. Lucien ficou enternecido com essa simplicidade; sentia-se irmão mais velho de Hébrard e de Winckelmann e começou a confessar a si próprio que não lastimava ter tido uma vida tão atormentada; ganhara experiência. Falou-lhes de Freud e da psicanálise e divertiu-se um pouco com escandalizá-los. Eles criticavam violentamente a teoria dos complexos mas suas objeções eram ingênuas e Lucien fê-los ver isso, depois ajuntou que do ponto de vista filosófico, se podia perfeitamente refutar os erros de Freud. Eles admiraram-no muito, mas Lucien fingiu não perceber.

O Sr. Fleurier explicou a Lucien o mecanismo da fábrica. Levou-o a visitar os edifícios centrais e Lucien observou longamente o trabalho dos operários.

— Se eu morrer, disse o Sr. Fleurier, é preciso que você possa tomar de um dia para outro a inteira direção da fábrica.

Lucien repreendeu-o:

— Mas velho, não fale nisso!

Mas ficou sério muitos dias seguidos pensando nas responsabilidades que lhe caberiam cedo ou tarde. Tiveram longas conversações sobre os deveres do patrão e o Sr. Fleurier mostrou-lhe que a propriedade não era um direito mas um dever:

— E eles vêm aborrecer-nos com suas lutas de classes, disse, como se os interesses dos patrões e dos operários fossem opostos! Tome o meu caso, Lucien. Sou um pequeno patrão o que se chama um Tubarãozinho, na gíria! Pois bem! eu faço viver cem operários com suas famílias. Se realizo bons negócios, eles são os primeiros a aproveitar. Mas se sou obrigado a fechar, ei-los na rua. *Eu não tenho direito*, disse ele com força, de fazer maus negócios. Eis aí o que eu chamo a solidariedade de classe.

Durante mais de três semanas tudo correu bem; Lucien quase não pensava mais em Bergère; perdoara: esperava simplesmente não o rever nunca mais. Às vezes, quando trocava de camisa, aproximava-se do espelho e se mirava com admiração: “Um homem desejou este corpo”, pensava. Passeava lentamente as mãos pelas pernas e pensava: “Um homem ficou excitado por causa destas pernas”. Tocava os rins e sentia não ser outro para

poder acariciar sua própria carne como a um tecido de seda. Acontecia-lhe às vezes lembrar com saudade seus complexos; eram sólidos, pesavam, sua enorme massa sombria era um lastro. Agora estava acabado, Lucien não acreditava mais neles e sentia-se de uma leveza penosa. Não era tão desagradável assim, era mais uma espécie de desencantamento muito desagradável, um pouco desanimador, que podia, a rigor, passar por tédio. “Eu não sou nada”, pensava, “mas é porque nada me maculou. Berliac, ao contrário, está terrivelmente comprometido. Bem posso suportar um pouco de dúvida: é o preço que se tem de pagar pela pureza”.

Durante um passeio, Lucien sentou-se sobre uma escarpa e pensou: “Dormi seis anos e depois, um belo dia, saí de meu casulo”. Sentia-se animado e olhou a paisagem com um ar afável: “Sou feito para a ação!” disse para si mesmo. No mesmo instante porém seus pensamentos de glória tornaram-se insípidos. Murmurou: “Esperem um pouco e verão o que eu valho”. Tinha falado com força mas as palavras rolaram fora da boca como conchas vazias. “Que é que eu tenho?” Aquela ridícula inquietação, ele não a *queria* reconhecer, maltratara-o muito, outrora. Pensou: “É o silêncio... este lugar... Nem um vivente, a não ser uns grilos que arrastam penosamente no pó o abdômen amarelo e negro”. Lucien detestava os grilos porque tinham sempre o aspecto de coisa quebrada. Do outro lado da estrada, a charneca pardacenta, opressiva e gretada estendia-se até a ribeira. Ninguém via Lucien, ninguém o ouvia; saltou e teve a impressão que seus movimentos não encontravam nenhuma resistência, nem mesmo a da gravidade. Agora estava de pé, sob uma cortina de nuvens cinzentas; era como se existisse no vácuo. “Este silêncio. ..” pensou. Era mais que silêncio, era o nada. Em torno de Lucien a campina estava extraordinariamente tranqüila e mole, inumana; parecia fazer-se pequenina e reter seu fôlego para não perturbá-lo. Quando o artilheiro de Metz voltou à guarnição... O som extinguiu-se sobre os lábios como uma chama no vácuo: Lucien estava só, sem sombra, sem eco, no meio da natureza discreta demais, que não pesava. Sacudiu-se e tentou retomar o fio de seus pensamentos. “Sou feito para a ação. Tenho iniciativa: posso fazer asneiras mas elas não duram muito porque eu me corrijo”. Pensou: “Tenho saúde moral”. Mas deteve-se fazendo uma careta de desgosto, tanto lhe parecia absurdo falar na “saúde moral” na estrada branca que animais agonizantes atravessam. De raiva, pisou um grilo; sentiu debaixo da sola uma bolinha elástica e, quando levantou o pé o grilo ainda vivia; cuspiu-lhe em cima. “Estou perplexo. Estou perplexo. É como no ano passado”. Pôs-se a pensar em Winckelmann que o chamava “o às dos ases”, no Sr. Fleurier que o tratava, como homem, na Sra. Besse que me havia dito: “É esse

rapagão que eu chamava de minha bonequinha? não ousaria mais brincar com ele agora, ele me intimida”. Estavam longe, muito longe e pareceu-lhe que o verdadeiro Lucien se perdera, não era mais que uma larva branca perplexa. “Que é que eu sou? Quilômetros e quilômetros de matagal, uma terra chata e crostada, sem ervas, sem odores e depois, de repente, saindo direito desta crosta parda, o aspargo, de tal modo insólito que nem fazia sombra. “Que é que eu sou?” A pergunta continuava, mesmo após as férias precedentes; parecia esperar Lucien no mesmo lugar onde ele a havia deixado; mais ainda: não era uma pergunta, era um estado. Lucien deu de ombros. “Sou muito escrupuloso”, pensou, “eu me analiso demais”.

Nos dias seguintes, esforçou-se por não se analisar mais; procurava fascinar-se pelas coisas, contemplava longamente os pratos, as argolas de guardanapo, as árvores, as fachadas; adulou bastante sua mãe, perguntando-lhe se queria mostrar-lhe a prataria, mas atrás de seu olhar um pequeno nevoeiro vivo palpitava. Lucien gostava de observar-se na conversação com o Sr. Fleurier, mas o nevoeiro abundante e tênue, cuja inconsistência opaca aparecia falsamente como a da luz, deslizava *atrás* da atenção que prestava às palavras do pai; esse nevoeiro, era ele próprio. Por vezes, irritado, Lucien deixava de ouvir, voltava-se, tentava agarrar a névoa e olhá-la de frente; não encontrava senão o vácuo, e a névoa ainda estava *atrás*.

Germaine foi procurar, chorando, a Sra. Fleurier; seu irmão estava com broncopneumonia.

— Minha pobre Germaine, disse a Sra. Fleurier, você que sempre dizia que ele era tão forte!

Deu-lhe um mês de folga e fez vir, para substituí-la, a filha de um operário da fábrica, a pequena Berthe Mozelle, que tinha dezessete anos. Era pequena, com tranças loiras enroladas em torno da cabeça e coxeava ligeiramente. Como vinha de Concarnau, a Sra. Fleurier pediu-lhe que trouxesse uma touca de rendas:

— Será mais interessante.

Desde os primeiros dias, seus grandes olhos azuis, cada vez que encontravam Lucien, refletiam uma admiração humilde e apaixonada e ele compreendeu que era adorado. Falou-lhe familiarmente, perguntando-lhe muitas vezes:

— Você dá-se bem conosco?

Nos corredores divertia-se com roçar-lhe o corpo para ver se a comovia. Mas ela o enternecia e ele extraía desse amor um precioso reconforto; pensava sempre com uma ponta de emoção na ideia que Berthe devia ser dele. “Eu não me pareço nada com os jovens operários que ela conhece”. Fez entrar Winckelmann na copa sob um pretexto qualquer e Winckelmann achou que ela era bem jeitosa:

— Você é um felizardo, concluiu, eu em seu lugar já teria aproveitado.

Mas Lucien hesitava — ela cheirava a suor e sua combinação preta estava roída debaixo dos braços. Por uma chuvosa tarde de setembro, a Sra. Fleurier foi a Paris de auto e Lucien ficou só no quarto. Deitou-se e começou a bocejar. Parecia-lhe ser uma nuvem caprichosa e fugaz, sempre o mesmo e sempre outro, sempre a ponto de diluir-se no ar pelos bordos. “Eu me pergunto: por que existo?” Estava ali, digerida, bocejava, ouvia a chuva que batia contra os vidros, havia essa bruma branca que se desfiava na sua cabeça; e depois? Sua existência era um escândalo e as responsabilidades que assumiria mais tarde serviriam apenas para justificá-la. “Além disso, não pedi para nascer”, disse com seus botões e teve piedade de si próprio. Lembrou-se de suas inquietações de criança, sua longa sonolência, e elas apareceram-lhe sob um novo aspecto: no fundo ele não cessava de ser enleado pela vida, esse presente volumoso e inútil que carregava em seus braços sem saber que fazer dele nem onde depositar. “Tenho passado meu tempo a lamentar ter nascido”. Mas estava muito deprimido para levar mais longe seus pensamentos; levantou-se, e acendeu um cigarro e desceu à cozinha para pedir a Berthe que fizesse um pouco de chá. Ela não o viu entrar. Ao ser tocada no ombro teve um estremecimento.

— Assustei-a? perguntou.

Ela olhou-o com um olhar espantado, apoiando-se à mesa, os seios arfando; afinal sorriu:

— Assustei-me, pensava que não houvesse ninguém. Lucien sorriu-lhe com indulgência e disse-lhe:

— Você seria amável se me preparasse um pouco de chá.

— Pois não, Sr. Lucien, respondeu ela correndo para o fogão: a presença de Lucien parecia ser-lhe penosa.

Ele parou, incerto, no limiar da porta.

— Então, perguntou paternalmente, está se dando bem conosco?

Berthe virava-lhe as costas e enchia a chaleira na torneira. O ruído da água cobriu sua resposta. Lucien esperou um instante e quando ela colocou a chaleira no gás, prosseguiu:

— Você já fumou?

— Algumas vezes, respondeu a pequena com desconfiança.

Ele abriu seu maço de Graven e ofereceu. Não se sentia muito contente: parecia-lhe comprometer-se; não deveria fazê-la fumar.

— O Sr. quer... que eu fume? disse ela surpreendida.

— Por que não?

— A patroa não vai gostar.

Lucien sentiu uma desagradável impressão de cumplicidade. Começou a rir e disse:

— Não diremos nada.

Berthe corou, tomou um cigarro com a ponta dos dedos e colocou-o na boca. “Devo oferecer-lhe fogo? Seria incorreto”. Perguntou:

— Você não o acende?

Ela irritava-o; permanecia com os braços rígidos, vermelha e dócil, os lábios como traseiro de galinha em torno do cigarro; dir-se-ia ter um termômetro na boca. Acabou por pegar um fósforo, esfregou-o, deu algumas baforadas piscando e disse:

— É gostoso — depois tirou precipitadamente o cigarro da boca e apertou-o sem jeito entre os cinco dedos. “É uma vítima nata”, pensou Lucien. Entretanto, ela degelou-se um pouco quando ele lhe perguntou se gostava da sua Bretanha. Ela descreveu-lhe as diversas espécies de toucas bretãs e cantou mesmo com uma voz doce e desafinada uma canção de Rosporden. Lucien buliu amavelmente com ela, mas ela não compreendia a brincadeira e olhava-o com um ar assustado; nessas ocasiões parecia um coelho. Lucien estava sentado sobre um banco e sentia-se inteiramente à vontade:

— Sente-se, disse ele.

— Oh! não, Sr. Lucien, não diante do senhor. Pegou-a pelas axilas e atraiu-a sobre os joelhos.

— E assim? perguntou-lhe. Ela abandonou-se murmurando:

— Nos seus joelhos! — com um ar de êxtase e de reprovação com um sotaque engraçado o que levou Lucien a pensar com enfado: “Eu me comprometo muito, não devia ter ido tão longe”. Calou-se: ela permanecia sobre os seus joelhos, quente, tranqüila, Lucien sentia o coração bater. “Ela é minha”, pensou, “posso fazer com ela o que quiser”. Deixou-a, pegou o bule de chá e subiu de novo para o quarto; Berthe não fez um só gesto para retê-lo. Antes de beber seu chá, Lucien lavou as mãos com sabonete perfumado de sua mãe, porque elas cheiravam a axilas.

“Devo possuí-la?” Lucien ficou muito absorvido, nos dias seguintes, por esse problemazinho; Berthe colocava-se todo o tempo à sua passagem e olhava-o com grandes olhos tristes de cão perdigueiro. A moral vencia-o: Lucien compreendeu que arriscava torná-la grávida porque não tinha bastante experiência (impossível comprar preservativos em Férolles, ele era muito conhecido) e que encheria de grandes aborrecimentos o Sr. Fleurier. Pensou com seus botões que teria, mais tarde, pouca autoridade na fábrica se a filha de um de seus operários pudesse gabar-se de ter estado com ele. “Não tenho o direito de tocá-las”. Evitou encontrar-se sozinho com Berthe durante os últimos dias de setembro.

— Então, disse-lhe Winckelmann, que é que você espera?

— Não, respondeu secamente Lucien, não gosto de amores ancilares.

Winckelmann que ouvia falar de amores ancilares pela primeira vez, deu um leve assobio e calou-se.

Lucien estava muito satisfeito consigo mesmo; tinha-se conduzido elegantemente e isso resgatava muitos erros. “Ela está no ponto”, dizia-se um pouco arrependido. Refletindo, porém, pensou: “É a mesma coisa que se eu a tivesse tido — ela ofereceu-se e eu não a quis”. E considerou que ele não era mais virgem. Essas frívolas satisfações ocuparam-no alguns dias, depois fundiram-se em brumas, elas também. Com a volta de outubro ele sentia-se tão morno quanto no começo do precedente ano escolar.

Berliac não voltara e ninguém sabia notícias suas. Lucien notou muitos rostos desconhecidos — seu vizinho da direita que se chamava Lemordant tinha feito um ano de matemáticas especiais em Poitiers. Era ainda maior que Lucien e, com seu bigode preto, tinha já o aspecto de um homem. Lucien voltou a encontrar sem prazer seus colegas; pareceram-lhe pueris e inocentemente ruidosos; seminaristas. Associava-se ainda às manifestações coletivas mas com indolência, como lhe permitia, aliás, sua qualidade de veterano. Lemordant tinha-o atraído mais porque era maduro, embora não parecesse haver adquirido essa maturidade como Lucien,

através de múltiplas e penosas experiências; era um adulto de nascença. Lucien contemplava sempre com satisfação essa cabeça volumosa e pensativa, sem pescoço, plantada nos ombros. Parecia impossível fazer entrar ali alguma coisa, nem pêlos ouvidos, nem pêlos pequenos olhos chineses, róseos e vítreos. “É um sujeito que tem convicções”, pensava Lucien com respeito; e perguntava-se, não sem ciúme, qual podia ser a certeza que dava a Lemordant essa plena consciência de si próprio. “Eis como eu deveria ser: uma rocha”. Admirava-se, entretanto, de que Lemordant fosse acessível às razões matemáticas; o Sr. Husson porém tranqüilizou-o quando devolveu os primeiros exercícios; Lucien era o sétimo e Lemordant tinha obtido a nota cinco e o 78.º lugar; tudo estava em ordem. Lemordant não se comoveu; parecia esperar pior e sua boca minúscula, suas gordas faces amarelas e lisas não eram feitas para exprimir sentimentos; era um Buda. Só uma vez foi visto encolerizado, no dia em que Loewy o empurrou no vestuário. Ele soltou primeiro pequenos grunhidos agudos, batendo as pálpebras:

— Vá para a Polônia! exclamou enfim, para a Polônia, judeu à-toa e não venha sujar a nossa casa.

Ele era maior que Loewy e seu busto maciço vacilava sobre as longas pernas. Acabou dando-lhe um par de bofetadas e o pequeno Loewy pediu desculpas; o caso ficou nisso.

Nas quintas-feiras Lucien saía com Guigard que o levava a dançar em casa de amigas de sua irmã. Mas Guigard acabou por confessar que essas reuniõezinhas o aborreciam.

— Tenho uma amiga, confiou ao outro, é a primeira caixeira do Plisnier, na rua Royale. Ela tem uma amiguinha que não tem dono ainda; você deveria vir conosco sábado à noite.

Lucien fez uma encenação com os pais e obteve permissão para sair todos os sábados; deixariam a chave debaixo do capacho. Encontrou-se com Guigard às nove horas num bar da rua Saint-Honoré.

— Você verá, disse Guigard, Fanny é encantadora e além disso, o que é melhor, sabe vestir-se.

— E a minha?

— Não a conheço. Sei apenas que é ajudante de costureira e que acaba de chegar de Paris, é de Angoulême. A propósito, continuou ele, não se esqueça. Eu sou Pierre Daurat. Você, como é loiro, diga que tem sangue inglês, é melhor. Você se chama Lucien Bonnières.

- Mas por quê?, perguntou Lucien intrigado.
- Meu velho, respondeu Guigard, é um princípio. Você pode fazer o que quiser com elas, mas não é preciso dar o nome.
- Bom, bom! E o que é que eu faço na vida?
- Você pode dizer que é estudante, vale mais, você compreende, isso as lisonjeia e além disso não o obriga a gastar muito. Dividiremos as despesas naturalmente, mas esta noite você vai deixar-me pagar, é um hábito que eu tenho; segunda-feira lhe direi quanto você me deve.

Lucien pensou de repente que Guigard gostava de passar por rico. “Como me tornei desconfiado!” pensou divertido. Fanny entrou com longas coxas e rosto muito pintado. Lucien achou-a intimidante.

- Eis Bonnières, de quem lhe falei, disse Guigard.
- Encantada, falou Fanny com ar míope. Esta é Maud, minha amiguinha.

Lucien viu uma mulherzinha sem idade, com uma espécie de vaso de flores emborcado na cabeça. Não estava pintada e parecia cinzenta perto de Fanny. Lucien ficou amargamente decepcionado, mas notou que ela tinha uma linda boca e além disso com ela não precisava fazer cerimônias. Guigard teve o cuidado de pagar a cerveja adiantadamente, de modo que pôde aproveitar a confusão da chegada para fazer sair as jovens sem lhes dar tempo para beber. Lucien foi-lhe grato por isso; o Sr. Fleurier não lhe dava mais que cento e vinte e cinco francos por semana e, com este dinheiro, precisava ainda pagar o bonde. A noite foi muito divertida; foram dançar no Quartier Latin, em uma salinha quente e cor-de-rosa com cantos de sombra e onde a bebida custava barato. Havia muitos estudantes com mulheres do gênero de Fanny, mas com menos gosto. Fanny esteve esplêndida; ela olhou nos olhos um grande barbudo que fumava cachimbo e exclamou muito alto:

- Tenho horror a pessoas que fumam cachimbo nos *dancings*.

O sujeito ficou corado e guardou o cachimbo aceso no bolso. Ela tratava Guigard e Lucien com um pouco de condescendência e disse-lhes diversas vezes: “Vocês são uns moleques”, com um ar gentil. Lucien sentiu-se desenvolto e cheio de ternura: disse a Fanny muitas piadas e sorria ao dizê-las. Finalmente o sorriso não deixou mais seu rosto e ele soube arranjar uma voz refinada, com qualquer coisa de abandono e de ternura, matizada de ironia. Fanny falava-lhe pouco – pegava o queixo de Guigard e puxava

as bochechas para aumentar-lhe a boca; quando os lábios estavam grossos e um pouco babosos, como frutas cheias de suco ou como lesma, ela lambia-os com movimentos intermitentes, murmurando “baby”. Lucien sentia-se terrivelmente sem jeito e achava Guigard ridículo: este tinha ruge ao lado dos lábios e sinais de dedos nas faces. O comportamento dos outros casais, porém, era ainda mais livre: todos se beijavam; de vez em quando a mulher do vestiário passava com uma pequena cesta e atirava serpentinas e bolas multicores, gritando: “Vamos, minha gente, divirta-se, ria. Olé, olé!” e toda gente ria. Lucien acabou por se lembrar da existência de Maud e disse-lhe sorrindo:

– Veja esses pombinhos.

Mostrava Guigard e Fanny e continuou:

– Nós os velhos... respeitáveis.

Não terminou a frase e sorriu tão engraçado que Maud acabou por sorrir também. Retirou o chapéu e Lucien viu com prazer que ela era muito melhor que as outras mulheres do salão; convidou-a, então, para dançar e contou-lhe o barulho que fizera com os professores, no ano do seu bacharelado. Ela dançava bem, tinha olhos pretos e sérios e um ar avisado. Lucien falou-lhe de Berthe e disse-lhe que sentia remorsos.

– Mas, continuou, foi melhor para ela.

Maud achou a história de Berthe poética e triste, perguntou quanto Berthe ganhava em casa dos pais de Lucien.

– Não é sempre alegre para uma moça, acrescentou ela, ser empregada.

Guigard e Fanny esqueceram-se deles, agarrados e aos beijos e o rosto de Guigard estava molhado. Lucien repetia, de vez em quando:

– Veja que pombinhos, mas veja! e pensava: “Estão me dando vontade de fazer o mesmo”. Não ousava, porém, dizer nada, limitando-se a sorrir. Depois fingiu que Maud e ele eram velhos camaradas, desdenhosos do amor e chamou-a “velha irmã” fazendo o gesto de bater-lhe sobre as espáduas. Fanny de repente virou a cabeça e olhou-os surpreendida.

– Então, disse, seus trouxas, que é que fazem? Beijem-se, vocês estão mortos de vontade.

Lucien tomou Maud nos braços; estava um pouco desajeitado porque Fanny os observava; quisera que o beijo fosse longo e completo, mas não sabia como devia fazer para respirar. Finalmente, aquilo não era tão difícil

como pensava, bastava beijar de lado, para deixar as narinas livres. Ouvia Guigard contando “um, dois... três... quatro...” e deixou Maud no cinqüenta e dois.

— Nada mau para uma estréia, disse Guigard, mas eu farei melhor.

Lucien olhou seu relógio de pulso e contou por sua vez; Guigard deixou a boca de Fanny aos cento e cinqüenta e nove segundos. Lucien estava furioso e achava esse concurso estúpido. “Deixei Maud por discrição” pensou, “mas isto é sopa uma vez que se saiba respirar, pode-se continuar indefinidamente”. Propôs uma segunda partida e ganhou-a. Quando terminaram, Maud olhou Lucien e disse-lhe seriamente:

— Você beija gostoso.

— Às ordens, respondeu Lucien inclinando-se.

Preferiria porém beijar Fanny. Separaram-se à meia-noite e meia por causa do último ônibus. Lucien estava todo alegre; pulou e dançou na rua Raynouard, pensando: “Está no papo”. Os cantos da boca doíam-lhe de tanto haver sorrido.

Tomou o hábito de ver Maud às quintas-feiras às seis horas e aos sábados à noite. Ela deixava-se beijar mas não queria entregar-se. Lucien queixou-se a Guigard que o sossegou:

— Não se incomode, Fanny está certa de que ela cederá, é que ela é jovem e não teve mais que dois amantes; Fanny recomenda-lhe ser carinhoso com ela.

— Carinhoso? perguntou Lucien. Você imagina? Ambos riram e Guigard concluiu:

— Faça o que é preciso, meu velho.

Lucien foi muito terno. Beijava bastante Maud dizendo-lhe que a amava, mas aquilo era um pouco monótono e além disso não se sentia orgulhoso de sair com ela; gostaria de dar-lhe conselhos sobre seus vestidos, mas ela era cheia de preconceitos e se encolerizava facilmente. Entre um beijo e outro ficavam silenciosos, os olhos fixos, as mãos entrelaçadas. “Deus sabe no que ela pensa, com esses olhos tão severos”. Lucien pensava sempre na mesma coisa: na pequena existência triste e vaga que era a sua, dizendo consigo mesmo: “Queria ser Lemordant, aí está um que encontrou seu caminho”. Nesses momentos via-se como se fosse outro; sentado perto de uma mulher que o amava, a mão na sua mão, os lábios ainda úmidos dos seus beijos e recusando a humilde felicidade que ela lhe oferecia — sozinho.

Então, apertava fortemente os dedos da pequena Maud e as lágrimas vinham-lhe aos olhos — ele tinha vontade de fazê-la feliz.

Uma manhã de dezembro, Lemordant aproximou-se de Lucien; trazia um papel.

— Quer assinar? perguntou.

— Que é isso?

— É por causa dos judeus da Normal Superior; eles enviaram ao “L’Oeuvre” um abaixo-assinado contra o serviço militar obrigatório com duzetas assinaturas. Nós vamos protestar; precisamos pelo menos de mil nomes; os cadetes, os guardas-marinhas, os agrônomos, os politécnicos, toda a gente boa vai assinar.

Lucien sentiu-se lisonjeado; perguntou:

— Isso vai aparecer?

— Na “Action” seguramente. Talvez também no “ECHO de Paris”.

Lucien tinha vontade de assinar imediatamente mas pensou que não seria sério. Pegou o papel e leu atentamente. Lemordant continuou:

— Creio que você não faz política; isso é com você. Mas você é francês, tem o direito de dar sua opinião.

Quando ouviu: “você tem o direito de dar sua opinião”, Lucien foi atravessado por uma inexplicável e rápida alegria. Assinou. No outro dia comprou “L’Action Française”, mas a proclamação não saiu publicada. Somente na quinta-feira é que Lucien a encontrou na segunda página sob o título: “A juventude da França dá um bom direto nas bochechas dos judeus internacionais”. Seu nome estava lá, condensado, definitivo, não longe do de Lemordant, quase tão estranho como os de Flèche e de Flipot que o rodeavam. “Lucien Fleurier, pensou ele, um nome de camponês, um nome bem francês”. Leu com voz alta toda a série de nomes que começavam por F e quando foi a vez do seu, pronunciou-o fingindo não o reconhecer. Depois enfiou o jornal no bolso e entrou em casa satisfeito.

Alguns dias mais tarde encontrou Lemordant.

— Você faz política? perguntou-lhe.

— Sou da liga, disse Lemordant, você lê algumas vezes a “Action”?

— Nem sempre, confessou Lucien, até agora não me interessou, mas creio que estou prestes a mudar.

Lemordant olhava-o sem curiosidade, com seu ar impermeável. Lucien contou-lhe, a esmo, o que Bergère havia chamado de seu desajustamento.

– De onde você é? perguntou Lemordant.

– De Férolles. Meu pai tem lá uma fábrica.

– Quanto tempo esteve por lá?

– Até o segundo ano.

– Estou vendo, concluiu Lemordant; pois bem, é simples, você é um desarraigado. Leu Barres?

– Li *Colette Baudouche*.

– Não é isso, voltou Lemordant com impaciência. Eu vou trazer-lhe *Les Déracinés*, esta tarde; é a sua história. Você encontrará lá o mal e seu remédio.

O livro era encadernado em couro verde. Na primeira página um “ex-libris André Lemordant” destacava-se em letras góticas. Lucien ficou surpreso: jamais imaginara que Lemordant pudesse ter um nome.

Começou a leitura com muita desconfiança: tantas vezes tinham tentado explicar-lhe; tantas vezes emprestaram-lhe livros dizendo-lhe: “Leia isto, você está inteirinho aqui”. Lucien pensou com um sorriso um pouco triste que ele não era alguém que se pudesse desmontar assim em algumas frases. O complexo de Édipo, o desajustamento: que infantilidade e como estava longe, tudo aquilo! Desde as primeiras páginas ele foi seduzido: primeiro que tudo, isso não era psicologia — Lucien estava por aqui de psicologia —, os jovens de que falava Barres não eram indivíduos abstratos, desclassificados como Rimbaud ou Verlaine, nem doentes como todas essas vienenses ociosas que se faziam psicanalisar por Freud. Barres começava por colocá-los no seu meio, na sua família: eles tinham sido bem educados, na província, em sólidas tradições; Lucien achou que Sturel parecia-se consigo. “É verdade, pensou, sou um desarraigado”. Lembrou-se da saúde moral dos Fleurier — uma moral que só se adquire no campo — na sua força física (seu avô dobrava uma moeda de bronze com os dedos); lembrou-se com emoção das auroras de Férolles; ele acordava, descia pé ante pé para não despertar seus pais, escarranchava-se na bicicleta e a doce paisagem da Ile-de-France envolvia-o com sua discreta carícia “Sempre detestei Paris”, pensou com energia. Leu, depois, *Le Jardin de Bérénice* e, às vezes, interrompia a leitura e punha-se a refletir, os olhos vagando: eis que, de novo lhe ofereciam um

caráter e um destino, um meio de escapar às tagarelices inesgotáveis de sua consciência, um método para definir-se e apreciar-se. Como preferia às bestas imundas e lúbricas de Freud, o inconsciente cheiro de perfumes agrestes com que Barres o presenteara. Para apanhá-lo, Lucien não tinha senão que se desviar de uma estéril e perigosa contemplação de si mesmo; era preciso que estudasse o solo e o subsolo de Férolles, que decifrasse o sentido das colinas onduladas que descem até Sernette, que se dirigisse à geografia humana e à história. Numa palavra: devia voltar a Férolles, ali viver; encontrá-la-ia a seus pés, inofensiva e fértil, estendida através da campina férolliana, misturada aos bosques, às fontes, à erva, como um humo nutritivo onde acharia enfim a força para se tornar um chefe. Lucien saía excitado desses sonhos, e, às vezes, tinha mesmo a impressão de haver encontrado seu caminho. Agora, quando ficava silencioso junto de Maud com um braço passado em torno de sua cintura, palavras, pedaços de frases ressoavam nele: “renovar a tradição”, “a terra e os mortos”; palavras profundas e opacas, inesgotáveis. “Como é tentador”, pensava. Entretanto não ousava acreditar: tinham-no enganado já com frequência. Abriu-se com Lemordant:

— Meu caro, respondeu este, a gente não acredita imediatamente no que quer; é preciso praticar. Refletiu um pouco e acrescentou: Você devia ver a turma.

Lucien aceitou com prazer, mas fez questão de frisar que guardava sua liberdade:

— Eu vou, disse, mas isso não me compromete. Quero refletir.

Lucien ficou encantado com a camaradagem dos jovens *camelots*⁵; fizeram-lhe uma acolhida cordial e simples e imediatamente se sentiu à vontade no meio deles. Conheceu logo a turma de Lemordant, uma vintena de estudantes que usavam quase todos um gorro de veludo. Reuniam-se no primeiro andar da cervejaria Polder onde jogavam bridge e bilhar. Lucien ia freqüentemente encontrá-los ali e logo compreendeu que o haviam adotado, porque era sempre recebido com gritos de “chegou o bichão!” ou “é o nosso Fleurier nacional!” Mas o que sobretudo seduzia Lucien era o bom humor deles: nada de pedante nem austero; poucas conversações políticas. Ria-se e cantava-se, soltavam-se gritos de guerra, levantavam-se hurras à juventude estudantil. Mesmo Lemordant, sem desistir de uma autoridade que ninguém

⁵ *Camelot*: abreviatura de *Camelots du Roi*, agitadores do partido monarquista francês dirigido por Charles Maurras. (N. do T.)

ousaria contestar, afrouxava-se um pouco, sorria. Lucien freqüentemente ficava calado, o olhar vagando sobre esses jovens barulhentos e musculosos: “É uma força”, pensava. No meio deles descobria pouco a pouco o verdadeiro sentido da juventude que não residia na graça afetada que apreciava em Bergère; a juventude era o futuro da França. Os camaradas de Lemordant, aliás, não tinham o encanto ambíguo da adolescência: eram adultos e muitos usavam barba. Olhando-os bem, encontrava-se em todos eles um ar de parentesco: tinham acabado com os erros e incertezas de sua idade, não tinham mais nada a aprender, estavam feitos. No começo seus gracejos picantes e ferozes scandalizavam um pouco Lucien; chegava a crer que eles eram inconscientes. Quando Rémy veio anunciar que a Sra. Dubus, a mulher do líder radical, tivera as pernas cortadas por um caminhão, Lucien esperou que eles, antes de tudo, rendessem uma breve homenagem a um adversário infeliz. Mas eles explodiram em risada e bateram nas coxas, dizendo: “A velha bruaca!” e “Benemérito motorista!” Lucien ficou um pouco constrangido mas compreendeu logo que esse grande riso purificador era uma repulsa: eles tinham farejado um perigo, e evitavam um enternecimento covarde. Lucien pôs-se a rir também. Pouco a pouco a irreverência deles apareceu-lhe sob seu verdadeiro aspecto: ela não tinha senão aparências de frivolidade; no fundo era a afirmação de um direito — sua convicção era tão profunda, tão religiosa, que lhes dava o direito de parecer frívolos, de mandar passear, com um dito espirituoso um piparote, tudo o que não fosse essencial. Entre o humor gelado de Charles Maurras e as brincadeiras de Desperreau, por exemplo (trazia no bolso um velho pedaço de camisa de Vênus que ele chamava de prepúcio de Blum) não havia senão uma diferença de grau. No mês de janeiro a Universidade anunciou uma sessão solene durante a qual o grau de *doctor honoris causa* devia ser conferido a dois mineralogistas suecos. “Você vai ver um belo barulho”, escreveu Lemordant a Lucien enviando-lhe um convite. O grande anfiteatro estava à cunha. Quando Lucien viu entrar, ao som da Marselhesa, o Presidente da República e o Reitor, seu coração pôs-se a bater, e temeu pelos seus amigos. Quase imediatamente alguns jovens levantaram-se nas tribunas e puseram-se a gritar. Lucien reconheceu com simpatia Rémy, vermelho como um tomate, debatendo-se entre dois homens que o puxavam pelo paletó e gritando: “A França aos franceses”. Mas gostou particularmente de ver um senhor idoso que soprava, com ar de criança travessa numa pequena corneta. “Como tudo isto é sadio”, pensou ele. Saboreava vivamente essa mistura original de gravidade cabeçuda e de turbulência que dava aos mais jovens um ar maduro e aos mais idosos um comportamento de criança. Lucien, dentro em pouco, tentava também

gracejar. Teve alguns êxitos e quando dizia de Herriot: “se este sujeito morrer na sua cama é porque Deus já não existe”, sentia nascer em si um furor sagrado. Então cerrava as mandíbulas e, durante um momento, sentia-se tão convencido, tão íntimo, tão poderoso como Rémy ou Desperreau. “Lemordant tem razão, pensou, é preciso prática, tudo está aí”. Aprendeu também a evitar discussões: Guigard, que era apenas um republicano, sobrecarregava-o de objeções. Lucien ouvia-o de bom grado mas, no fim de um momento, desviava a atenção. Guigard continuava a falar mas Lucien nem mesmo o olhava; alisava o vinco das calças e divertia-se a fazer círculos com a fumaça do cigarro encarando provocadoramente as mulheres. Ele pensava um pouco, apesar de tudo, nas objeções de Guigard, mas elas perdiam bruscamente o peso e deslizavam sobre ele, leves e fúteis. Guigard acabava, calando-se, muito impressionado. Lucien falou aos pais sobre seus novos amigos e o Sr. Fleurier perguntou-lhe se ia ser *camelot*. Lucien hesitou e disse gravemente:

– Estou tentado, estou verdadeiramente tentado.

– Lucien, peço-lhe, não faça isso, disse sua mãe, eles são muito agitados e uma desgraça chega depressa. Você quer ser preso? E depois, você é muitíssimo jovem para se meter em política.

Lucien respondeu-lhe com um sorriso firme e o Sr. Fleurier interveio:

– Deixe-o fazer o que quiser, minha querida, disse com doçura, deixe-o seguir sua idéia; é preciso passar por isso.

Desde esse dia pareceu a Lucien que seus pais o tratavam com uma certa consideração. Entretanto, não se decidia; essas semanas lhe haviam ensinado muita coisa: acudiam-lhe ao espírito alternadamente a curiosidade benevolente de seu pai, as inquietações da Sra. Fleurier, o respeito nascente de Guigard, a insistência de Lemordant, a impaciência de Rémy e dizia com seus botões sacudindo a cabeça: “É um grande movimento”. Teve uma longa conversa com Lemordant e este compreendeu muito bem suas razões e disse-lhe que não se apressasse. Lucien sentia ainda crises de tédio. Tinha a impressão de ser apenas uma pequena transparência gelatinosa que tremulava sobre o banquinho de um café e agitação ruidosa dos *camelots* lhe parecia absurda. Mas noutros momentos sentia-se duro e pesado como uma pedra e era quase feliz.

Sentia-se cada vez melhor no meio do bando. Cantou-lhe *La Noce à Rebecca* que Hébrard lhe ensinara nas férias precedentes e todos diziam que fora muito divertido. Lucien, de veia, fez diversas reflexões mordazes sobre os judeus e falou da avareza de Berliac:

— Sempre perguntei a mim mesmo: “mas por que ele é tão avarento? Não é possível ser assim tão avarento”. Depois, um belo dia compreendi — ele também era da tribo.

Todos puseram-se a rir e uma espécie de exaltação apoderou-se de Lucien; sentia-se verdadeiramente furioso contra os judeus e a lembrança de Berliac era-lhe profundamente desagradável. Lemordant olhou-o nos olhos e disse-lhe:

— Você é um puro.

Daí por diante pediam freqüentemente a Lucien: “Fleurier, conte-nos uma bem boa sobre os judeus” e Lucien contava histórias judias que ouvira do pai; bastava começar com um certo sotaque, por exemplo “um dia tia Leffy encontra Plum...” para todos darem risada. Uma tarde Rémy e Patenôtre contaram haver cruzado com um judeu argelino às margens do Sena e que lhe deram um susto horroroso avançando sobre ele como se quisessem atirá-lo à água:

— Eu dizia comigo mesmo, concluiu Rémy: “que pena Fleurier não estar aqui”.

— Foi melhor, talvez, ele não ter estado lá, interrompeu Desperreau, porque teria jogado mesmo o judeu na água!

Não havia ninguém como Lucien para reconhecer um judeu! Quando saía com Guigard tocava-lhe o cotovelo:

— Não se volte já — o baixinho, atrás de nós, é da raça!

— Para isso, dizia Guigard, você tem um faro!

Fanny, também, não podia sentir cheiro de judeus; uma quinta-feira os quatro subiram ao quarto de Maud e Lucien cantou *La Noce à Rebecca*. Fanny não podia mais, ela dizia: “Pare, pare, senão eu faço pipi na calça” — e quando ele terminou lançou-lhe um olhar feliz, quase terno. Na cervejaria Polder, chegaram mesmo a inventar uma farsa para Lucien. Havia sempre alguém para dizer negligentemente: “Fleurier, que gosta tanto dos judeus...” — ou então — “Léon Blum, o grande amigo dos Fleuriers...”, e os outros esperavam arrebatados, retendo o fôlego, a boca aberta. Lucien ficava vermelho, batia na mesa gritando: “Raios que os partam!” — as risadas explodiam, todos exclamando: “Ele caiu! ele caiu! Como um patinho!”

Lucien acompanhava os outros freqüentemente a reuniões políticas e ouvia o Professor Claude e Maxime Real dei Sarte. Seu trabalho ressentia-se um pouco dessas novas obrigações mas como ele não podia contar, esse ano,

com êxito no concurso da École Centrale, o Sr. Fleurier mostrou-se indulgente: “É preciso”, disse à sua mulher, “que Lucien aprenda seu ofício de homem”. Ao sair dessas reuniões, Lucien e seus amigos tinham a cabeça em fogo e faziam molecadas. Uma vez, eram uma dezena, encontraram um pobre homenzinho moreno que atravessava a rua Saint-André-des-Arts lendo “L’Humanité”. Apertaram-no contra um muro e Rémy ordenou-lhe:

— Jogue fora esse jornal.

O sujeito quis reagir mas Desperreau deslizou atrás dele e aplicou-lhe uma gravata enquanto Lemordant, com suas mãos possantes, arrancava-lhe o jornal. Era muito divertido. O homenzinho, furibundo, dava pontapés no vácuo, gritando: “Me larguem, me larguem” com uma pronúncia engraçada e Lemordant, muito calmo, rasgava o jornal. Quando, porém, Desperreau o soltou, as coisas começaram a piorar; o outro atirou-se sobre Lemordant e teria dado nele se Rémy não lhe houvesse desfechado em tempo um murro atrás da orelha. O sujeito foi-se chocar contra o muro e olhou-os com ódio:

— Franceses sujos!

— Repita, disse friamente Marchesseau.

Lucien compreendeu que ia haver barulho grosso. Marchesseau não gostava de brincadeira quando se tratava da França.

— Franceses sujos! repetiu o sujeito. Recebeu um tapa formidável que o jogou para frente, com a cabeça baixa, urrando:

— Franceses sujos, burgueses sujos, detesto-os, queria que arreventassem todos, todos, todos! — e uma onda de outras injúrias imundas e de uma violência que Lucien não teria podido mesmo imaginar.

Então eles perderam a paciência e foram obrigados a se meter na briga e dar-lhe uma boa correção. No fim de um momento largaram-no e o tipo fugiu raspando o muro; tinha as pernas bambas, um soco havia-lhe fechado o olho direito e estavam todos à volta dele, fatigados de bater, esperando que ele caísse. O homem torceu a boca e cuspiu:

— Franceses sujos.

— Você quer que recomeçemos? perguntou Desperreau esbaforido.

O tipo pareceu não ouvir — olhava-os, desafiando com o olho esquerdo, e repetia:

— Franceses sujos, franceses sujos!

Houve um momento de hesitação e Lucien compreendeu que seus camaradas iam abandonar a presa. Então uma coisa mais forte que ele o jogou para a frente e ele atirou-se contra o tipo com toda a força. Ouviu alguma coisa que estalava e o homenzinho olhou-o com um ar débil e surpreendido:

— Sujos... gaguejou.

Mas seu olho pisado começou a escancarar-se sobre o globo vermelho e sem pupila; caiu de joelhos e não disse mais nada.

— Vamos pirar, soprou Rémy.

Correram e só pararam na praça Saint-Michel; ninguém os perseguia. Arranjaram as gravatas, escovaram-se uns aos outros, com a palma da mão.

A noitada escoou-se sem que os jovens fizessem alusão à sua aventura e mostraram-se particularmente obsequiosos uns com os outros; haviam abandonado essa brutalidade que lhes servia, ordinariamente, para velar seus sentimentos. Falavam-se com polidez e Lucien pensou que se mostravam pela primeira vez, tal como deviam ser em suas famílias; mas ele mesmo não estava enervado — não tinha o hábito de brigar na rua com vagabundos. Pensou em Maud e Fanny com ternura.

Não pôde conciliar o sono. “Não posso continuar”, pensou, a segui-los nas suas lutas como amador. Agora tudo está bem pesado, é *preciso* que tome partido! Sentia-se grave e quase religioso quando anunciou a boa nova a Lemordant.

— Está decidido, disse-lhe, estou com vocês.

Lemordant bateu-lhe no ombro e a turma festejou o acontecimento esvaziando algumas garrafas. Tinham retomado seu ar brutal e alegre e não falaram do incidente da véspera. Quando iam separar-se, Merchesseau disse a Lucien:

— Você tem um soco formidável! Ao que ele respondeu:

— Era um judeu!

No dia seguinte Lucien foi encontrar Maud armado de uma grossa bengala de junco que havia comprado numa loja do boulevard Saint-Michel. Maud compreendeu logo. Olhou a bengala e perguntou:

— Então, aderiu?

— Aderi, respondeu Lucien sorrindo.

Maud pareceu lisonjeada; pessoalmente era mais favorável às idéias da esquerda, mas tinha o espírito arejado.

— Acho, dizia ela, que todos os partidos têm seus lados bons.

Durante a noite coçou-lhe muitas vezes a nuca chamando-o seu pequeno *camelot*. Pouco tempo depois, num sábado à noite, Maud sentia-se fatigada:

— Creio que vou voltar, disse, mas você pode subir comigo se for comportado — pegará minha mão, será bem carinhoso com sua pequena Maud que está tão mal e contar-lhe-á histórias.

Lucien não estava entusiasmado — o quarto de Maud entristecia-o pela sua pobreza cuidadosa; dir-se-ia um quarto de empregada. Mas teria sido criminoso deixar passar uma tão bela ocasião. Assim que entrou, Maud atirou-se ao leito:

— Uf! agora estou bem. Depois calou-se e fixou Lucien nos olhos, arrebitando os lábios.

Ele foi estender-se perto dela e ela pôs a mão sobre os olhos separando os dedos e dizendo com voz infantil!

— Estou vendo você, Lucien, estou vendo você!

Ele sentia-se pesado e mole, ela meteu-lhe os dedos na boca e ele beijou-os, depois falou-lhe ternamente:

— A pequena Maud está doentinha, como está mal a pobre Maud! e acariciou-a pelo corpo todo; ela havia fechado os olhos e sorria misteriosamente.

Um instante depois ele levantava a saia dela e acontecia o que tinha de acontecer. Lucien pensou: “Sou um bicho!”

— Juro, disse Maud quando terminaram, que eu não esperava isto.

Olhou Lucien com terna reprovação:

— Ladrãozinho, eu pensei que você tivesse juízo! Lucien disse que estava tão surpreendido quanto ela. Maud relletiu um pouco e replicou seriamente.

— Não estou arrependida. Antes era talvez mais puro, mas era incompleto.

“Tenho uma amante”, pensou Lucien no ônibus. Sentia-se vazio e cansado, impregnado de um cheiro de absinto e peixe fresco; foi sentar-se e

ficou ereto para evitar o contato da camisa ensopada de suor; parecia que seu corpo estava mergulhado em leite coalhado. Repetiu-se com força: “Tenho uma amante”, mas sentia-se frustrado; o que desejava de Maud, até a véspera, era o rosto estreito e fechado que parecia vestido, sua fina silhueta, seu comportamento digno, sua reputação de moça seria, seu desprezo pelo sexo masculino, tudo o que fazia dela uma pessoa estranha, verdadeiramente outra, dura e definitiva, sempre fora de alcance, com suas pequenas idéias próprias, seus pudores, suas meias de seda, seu vestido de crepe, sua permanente. E todo esse verniz se havia fundido ao seu abraço, se havia tornado carne; ele aproximara seus lábios de um rosto sem olhos, nu como um ventre, possuía uma grande flor de carne molhada. Reviu o animal cego que palpitava nas cobertas com marulhos e bocejos peludos e pensou: “*era nós dois*”. Um apenas, pois não podia mais distinguir sua carne da de Maud; ninguém jamais lhe havia dado essa impressão de aborrecida intimidade, salvo talvez Riri, quando Riri mostrava seu pipi atrás de uma moita ou quando urinava sem querer e ficava deitado sobre o ventre, esperneando o traseiro nu, enquanto faziam secar-lhe as calças. Lucien experimentou algum alívio pensando em Guigard; dir-lhe-ia amanhã: “Possuí Maud, é uma mulherzinha admirável, meu velho; tem a coisa no sangue”. Mas não se sentia à vontade — sentia-se nu no calor empoeirado do ônibus, nu sem a mais tênue peça de roupa, rígido e nu ao lado de um padre, à frente de duas senhoras maduras, como um grande aspargo enlameado. Guigard felicitou-o vivamente. Ele estava um pouco insatisfeito com Fanny:

— Ela é de muito mau gênio. Ontem ficou emburrada a noite toda.

Os dois estavam de acordo: mulheres como essas, era preciso que houvesse, porque não se pode ficar casto até o casamento e, além disso, elas não eram interesseiras, nem doentes; seria, porém, um erro ligar-se a elas. Guigard falou das moças de família com muita delicadeza e Lucien pediu-lhe notícias de sua irmã.

— Ela vai bem, meu velho, disse Guigard, ela disse que você é um fujão. Você sabe, continuou ele com um ar de abandono, não me desagrada ter uma irmã — sem isto há coisas que a gente não pode entender.

Lucien não compreendia perfeitamente. Depois disso, falavam sempre de moças e sentiam-se cheios de poesia e Guigard repetiu as palavras de um de seus tios, que tivera muitos êxitos femininos:

– Não tenho talvez feito sempre o bem, na minha cachorra de vida, mas há uma coisa que Nosso Senhor levará em conta: preferia cortar as mãos a tocar numa virgem.

Voltaram algumas vezes à casa das amigas de Pierrette Guigard. Lucien gostava muito de Pierrette, falava-lhe como um irmão mais velho um pouco traquinas e era-lhe reconhecido por não ter ela cortado os cabelos. Estava agora muito absorvido pelas suas atividades políticas; todos os domingos de manhã, ia vender “L’Action Française” diante da igreja de Neuilly. Durante mais de duas horas passeava de um lado para outro, o rosto endurecido. As jovens que saíam da missa levantavam para ele por vezes seus olhos francos; então Lucien detinha-se um pouco, sentia-se puro e forte; sorria-lhes. Explicou à turma que respeitava as mulheres e ficou contente ao encontrar entre eles a compreensão que havia desejado. Aliás quase todos tinham irmãs.

A 17 de abril os Guigards deram uma reunião dançante comemorando os dezoito anos de Pierrette e, naturalmente, Lucien foi convidado. Ele já era muito amigo de Pierrette, ela chamava-o o seu dançarino e ele suspeitava que estivesse gostando dele. A Sra. Guigard tinha feito vir uma pianista e a noite prometia ser muitíssimo alegre. Lucien dançou muitas vezes com Pierrette, depois foi procurar Guigard que recebia os amigos na sala.

– Salve, disse Guigard, creio que todos se conhecem: Fleurier, Simon, Vanusse, Ledoux.

Enquanto Guigard nomeava seus amigos, Lucien viu que um rapaz grande, ruivo e frisado, de pele leitosa e duros supercílios pretos aproximava-se deles hesitante. A cólera transformou-o. “Que é que esse tipo faz aqui? pensou Lucien. Sabem muito bem que não posso sentir cheiro de judeu”. Fez meia volta e afastou-se rapidamente para evitar as apresentações.

– Quem é esse judeu? perguntou mais tarde a Pierrette.

– É Weill, está nos Altos Estudos Comerciais; meu irmão conheceu-o na sala de armas.

– Tenho horror aos judeus, disse Lucien. Pierrette teve um leve sorriso.

– Aquele é antes de tudo, um bom rapaz, disse. Leve-me a tomar qualquer coisa.

Lucien pegou uma taça de champanha e não teve senão o tempo de abandoná-la sobre uma mesa; encontrava-se face a face com Guigard e Weill. Ele fulminou Guigard com os olhos e fez meia volta. Pierrette porém segurou-o pelo braço e Guigard abordou-o abertamente:

— Meu amigo Fleurier, meu amigo Weill, disse com desembaraço. Pronto: as apresentações estão feitas.

Weill estendeu a mão e Lucien sentiu-se muito infeliz. Lembrou-se de repente de Desperreau: “Fleurier atiraria mesmo o judeu à água. Enfiou as mãos nos bolsos, virou as costas e foi-se embora. “Não poderei mais pôr os pés nesta casa”, pensava, dirigindo-se ao vestiário. Sentia um orgulho amargo. “Eis o que é agarrar-se fortemente a opiniões; não se pode viver em sociedade”. Mas na rua seu orgulho desapareceu e ele tornou-se muito inquieto. “Guigard deve estar furioso!” Sacudiu a cabeça e tentou convencer-se: “Ele não tinha o direito de convidar um judeu se me convidou!” Sua cólera porém era fraca; revia com uma espécie de mal-estar a cara espantada de Weill, sua mão estendida, e sentia-se inclinado à conciliação: “Pierrette pensa certamente que sou um bruto. Devia ter apertado aquela mão. Além de tudo não me comprometia. Fazer uma saudação reservada e afastar-me imediatamente, eis o que era preciso fazer”. Perguntou-se se era tempo ainda de voltar à casa dos Guigards. Aproximar-se de Weill e dir-lhe-ia: “Desculpe-me, tive um mal-estar”, apertar-lhe-ia a mão, conversaria um pouco educadamente. Mas não: era muito tarde, seu gesto era irreparável. “Que necessidade tinha eu”, pensou com irritação, “de mostrar minhas opiniões a pessoas que não podem compreendê-las?” Sacudiu nervosamente os ombros: era um desastre. Nesse mesmo instante Guigard e Pierrette estariam comentando sua conduta. Guigard diria: “Ele é completamente louco!” Lucien cerrou os punhos. “Oh”, pensou com desespero, “como os odeio! Como odeio os judeus!” e tentou tirar um pouco de força da contemplação desse ódio imenso. Mas este se esvaía embora pensasse em Léon Blum que recebia da Alemanha e odiava os franceses; não sentia porém mais nada a não ser uma morna indiferença. Lucien teve a sorte de encontrar Maud em casa. Disse-lhe que a amava e possuiu-a diversas vezes, com uma espécie de raiva. “Tudo perdido”, dizia para si mesmo, “não serei nunca *alguém*”.

— Não, não! pedia Maud, pare, querido, isso não, é proibido.

Mas acabou por deixar fazer: Lucien quis beijar-lhe tudo. Sentia-se infantil e perverso; tinha vontade de chorar.

No dia seguinte pela manhã, no liceu, Lucien ficou aborrecido ao avistar Guigard. Este tinha um ar dissimulado e fingiu não vê-lo. Lucien ficou com tanta raiva que era incapaz de tomar suas notas: “Este sujo!” pensou, “este sujo!” No fim das aulas Guigard aproximou-se dele, muito pálido: “Se ele disser alguma coisa eu o encho de tapas”, pensou Lucien. Permaneceram um instante lado a lado, cada qual olhando o bico do sapato.

– Enfim, meu velho, eu não devia ter-lhe feito aquilo.

Lucien sobressaltou-se e olhou com desconfiança. Guigard continuava, com esforço:

– Eu o encontro na sala, você compreende, então eu quis... nós fazemos esgrima juntos e ele convidou-me para ir à sua casa, mas eu compreendo, você sabe, eu não deveria, não sei como aconteceu mas, quando subscreitei os convites, não pensei um segundo nisso...

Lucien não dizia nada, porque as palavras não saíam, mas sentia-se inclinado a ser indulgente. Guigard continuou, com a cabeça baixa:

– Bem, como gafe...

– Seu bestalhão, disse Lucien, batendo-lhe no ombro, sei bem que você não o fez de propósito. Continuou com generosidade:

– Também errei. Banquei o mal-educado. Mas que é que você quer? É mais forte do que eu, não posso tocá-los, é físico, tenho a impressão de que eles têm escamas na mão. Que disse Pierrette?

– Riu-se como uma louca, respondeu Guigard.

– E o sujeito?

– Ele compreendeu. Eu disse o que pude, mas ele retirou-se depois de um quarto de hora. Acrescentou, sempre embaraçado:

– Meus pais acham que você tem razão, que você não podia agir de outro modo, desde que tem uma convicção.

Lucien saboreou a palavra “convicção”: tinha vontade de apertar Guigard nos braços.

Desceu o bulevar Saint-Michel num estado de exaltação extraordinária: parecia-lhe que não era mais ele mesmo.

Disse com seus botões: “É engraçado, não sou mais eu, não me reconheço!” O tempo estava quente e agradável, as pessoas passeavam, levando nas fisionomias o primeiro sorriso maravilhoso da primavera; nessa multidão mole Lucien introduzia-se como uma ponta de aço, pensando:

“Não sou mais eu”. Ainda ontem era um grande inseto inchado, como os grilos de Férolles; agora sentia-se limpo e nítido como um cronômetro. Entrou em *La Source* e pediu um “Pernod”. A turma não freqüentava *La Source* porque ali pululavam os estrangeiros; mas nesse dia, estrangeiros e judeus não incomodavam Lucien. No meio daqueles corpos azeitonados, que sussurravam ligeiramente, como um campo de aveia sob o vento, sentia-se insólito e ameaçador, um monstruoso relógio de parede sentado no banquinho. Reconheceu com prazer um pequeno judeu que os estudantes haviam esbordado no trimestre precedente nos corredores da Faculdade de Direito. O mostrengo, gordo e pensativo, não tinha marcas, mas devia ter ficado contundido por algum tempo e depois recuperado sua forma rotunda: havia nele, porém, uma espécie de obscena resignação.

No momento sentia-se feliz — bocejou voluptuosamente; um raio de sol fazia-lhe cócegas nas narinas, coçou o nariz e sorriu; era um sorriso? ou uma pequena oscilação que nascera exteriormente, em algum canto da sala, e viera morrer sobre sua boca? Todos aqueles estrangeiros flutuavam numa água suja e pesada, cujos redemoinhos sacudiam suas carnes moles, levantando-lhes os braços, agitando-lhes os dedos, brincando um pouco com os seus lábios. Pobres sujeitos! Lucien quase tinha piedade deles. Que é que vinham fazer na França? Que correntes submarinas os haviam trazido e depositado ali? Era inútil vestirem-se decentemente nos alfaiates do bulevar Saint-Michel, não eram nada mais que medusas. Lucien pensou em que ele não era uma medusa, que não pertencia àquela fauna humilhada. Depois, de repente esqueceu *La Source* e os estrangeiros, não viu mais que umas costas, largas costas amassadas pelos músculos, que se retiravam com uma energia tranqüila, que se perdiam, implacáveis, na bruma. Viu também Guigard: Guigard estava pálido, seguiu com os olhos aquelas costas, dizendo a Pierrette, invisível: “Bem! como gafe!...” Lucien foi invadido por uma alegria quase intolerável: essas costas possantes e solitárias eram *as suas*! E a cena tinha-se passado ontem! Durante um momento, graças a um violento esforço, ele foi Guigard, seguiu suas próprias costas com os olhos de Guigard, experimentou diante de si mesmo a humildade de Guigard e sentiu-se deliciosamente aterrorizado. “Isso lhe servirá de lição”, pensou. A cena mudara, agora: era o quarto de Pierrette, isto se passava no futuro. Pierrette e Guigard apontavam um nome numa lista de convidados. Lucien não se achava presente, mas seu poder pairava sobre eles. Guigard dizia: “Ah, não, esse não! Bem, com Lucien isto seria o diabo; Lucien que não pode aturar os judeus!” Lucien contemplou-se ainda uma vez — pensou — “Lucien sou eu! Alguém que não pode tolerar os judeus”. Ele tinha pronunciado esta frase

freqüentemente, mas hoje não soava como das outras vezes, absolutamente. Sim, na aparência era uma simples observação, como se se tivesse dito: “Lucien não gosta de ostras” — ou então: “Lucien gosta de dançar”. Mas não havia como enganar-se a esse respeito. O amor à dança, talvez se pudesse descobrir também no pequeno judeu, nele isso não passaria de um estremecimento de medusa; bastava olhar esse desgraçado judeu para compreender que seus gostos e desgostos ficavam colados nele como seu cheiro, como os reflexos de sua pele, que desapareceriam com ele, como o pestanejar de suas pesadas pálpebras, como seus sorrisos viscosos de volúpia. O anti-semitismo de Lucien era de outra espécie: impiedoso e puro, saía dele como uma lâmina de aço ameaçando outros peitos: “Isto”, pensou, “é... sagrado!” Lembrava-se de que sua mãe; quando ele era pequeno, dizia-lhe às vezes, com um tom especial: “Papai está trabalhando no escritório”. E essa frase parecia-lhe uma fórmula sacramental que lhe conferia, de repente, um enxame de obrigações religiosas, como não brincar com a carabina de ar comprimido, não gritar “Tararabum”; andava, então, pêlos corredores nas pontas dos pés, como se estivesse numa catedral.

“Agora é a minha vez”, pensou com satisfação. Diziam baixando a voz: “Lucien não gosta dos judeus” — e as pessoas sentiam-se paralisadas, os membros transpassados por uma nuvem de pequenas flechas dolorosas. “Guigard e Pierrette”, pensou com enternecimento, “são crianças”. Tinham sido culpados, mas foi suficiente que ele lhes mostrasse um pouco os dentes para que sentissem remorsos, falassem em voz baixa e se pusessem a andar nas pontas dos pés.

Lucien, pela segunda vez, sentiu-se cheio de respeito por si mesmo. Mas desta vez não tinha necessidade dos olhos de Guigard: era a seus próprios olhos que ele parecia respeitável — a seus olhos que rompiam enfim seu envoltório de carne, de gostos e desgostos, de hábitos e humores. “Onde eu me procurava, não podia encontrar-me”. Havia feito, de boa-fé, o recenseamento de tudo o que ele era. “Mas se eu não devia ser o que sou, não valeria mais que esse judeu”. Remexendo assim nessa intimidade de mucosa, que é que se poderia descobrir, a não ser a tristeza da carne, a ignóbil mentira da igualdade, a desordem? “Primeira máxima”, disse Lucien consigo mesmo, “não procurar ver em si; não há erro mais perigoso”. O verdadeiro Lucien — ele o sabia agora — era preciso procurar nos olhos dos outros, na obediência medrosa de Pierrette e de Guigard, na expectativa cheia de confiança de todos esses seres que cresciam e amadureciam para ele, desses jovens aprendizes que se tornariam *seus* operários, dos férrollianos, grandes e pequenos de que seria, um dia, o chefe. Lucien tinha quase medo,

sentia-se grande demais para si. Tantas pessoas o esperavam apresentando armas e ele era, seria sempre essa imensa esperança dos outros. “É isso um chefe”, pensou. E viu reaparecer umas costas musculosas e curvadas e depois, imediatamente após, uma catedral. Ele estava dentro dela, passeava cautelosamente sob a luz peneirada que caía dos vitrais. “Só que agora sou eu a catedral”. Fixou o olhar com intensidade sobre seu vizinho, um comprido cubano, moreno e suave como um charuto. Era preciso absolutamente encontrar palavras que exprimissem sua extraordinária descoberta. Levantou suavemente, cuidadosamente, a mão até a fronte, como um círio aceso, depois recolheu-se um instante, pensativo e sagrado, e as palavras vieram por si mesmas, murmurou: “TENHO DIREITOS!” Direitos! Algo parecido com os triângulos e os círculos: era tão perfeito que não existia, tinha-se que traçar em vão milhares de rodas com compassos, sem se chegar a construir um único círculo. Gerações de operários poderiam, do mesmo modo, obedecer escrupulosamente às ordens de Lucien, nunca esgotariam o direito que ele tinha de mandar, os direitos estavam além da existência, como as equações matemáticas e os dogmas religiosos. E eis que Lucien, justamente, era isso: um feixe de responsabilidades e de direitos. Ele acreditava por muito tempo que existia ao acaso, porque não havia refletido bastante. Bem antes do seu nascimento, seu lugar estava marcado ao sol, em Fé-rolles. Já — bem antes, mesmo, do casamento do seu pai — *esperavam-no*; se tinha vindo ao mundo era para ocupar esse lugar: “Eu existo” pensou, “porque tenho o direito de existir”. E pela primeira vez, talvez, teve uma visão fulgurante e gloriosa de seu destino. Seria recebido na École Centrale cedo ou tarde. (Isto não tinha, aliás, nenhuma importância). Então, abandonaria Maud — ela queria ser possuída a todo instante, era maçante; suas carnes confundidas desprendiam, ao calor tórrido desse começo de primavera, um cheiro de guisado de frango um pouco chamuscado. “Além disso, Maud é de todos, hoje minha, amanhã de outro, tudo isto não tem sentido”; ele iria morar em Férolles. Em alguma parte da França havia uma moça clara, no gênero de Pierrette, uma provinciana de olhos de flor, que se guardava, casta, para ele — ela tentava, às vezes, imaginar o seu chefe futuro, esse homem terrível e doce; mas não o conseguia. Ela era virgem; reconhecia, no mais recôndito do seu corpo, o direito de Lucien a possuí-la. Ele a desposaria, ela seria *sua* mulher, o mais terno dos seus direitos. Quando ela se despisse à noite, com pequeninos gestos sagrados, seria como em holocausto. Tomá-la-ia nos braços, com a aprovação de todos, e lhe diria: “Você é minha!” O que ela lhe mostrasse, teria o dever de não mostrar senão a ele e o ato amoroso seria para ele o resumo voluptuoso de seus bens. Seu mais terno direito; seu direito mais íntimo: o direito de ser respeitado até na

carne, obedecido até no leito. “Casar-me-ei jovem”, pensou ele. Disse também lá para si mesmo que teria muitos filhos; depois pensou na obra de seu pai; estava impaciente para continuá-la e perguntou-se se o Sr. Fleurier não iria morrer logo.

Um relógio bateu meio-dia. Lucien levantou-se. A metamorfose estava consumada: no café, uma hora antes, um adolescente gracioso e incerto tinha entrado; era um homem que saía, um chefe entre os franceses. Lucien deu alguns passos na gloriosa luz de uma manhã da França. Na esquina da rua des Écoles e do boulevard Saint-Michel, aproximou-se de uma papelaria e olhou-se no vidro do mostruário: quis encontrar no próprio rosto o ar impermeável que admirava no de Lemordant. Mas o vidro não lhe devolveu senão uma figurinha enfezada que não era ainda bastante terrível: “Vou deixar crescer o bigode”, decidiu.